

Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon

Margarita Rosa Gaviria Mejía

Renel Simon



Haiti 
Brasil 



- 1 - Porto Príncipe (Haiti)
- 2 - Lima (Peru)
- 3 - Iquitos (Peru)
- 4 - Tabatinga (Brasil)
- 5 - Manaus (Brasil)
- 6 - Bom Retiro do Sul (Brasil)
- 7 - Lajeado (Brasil)

**Sonhos que mobilizam
o imigrante haitiano:
biografia de Renel Simon**



Centro Universitário UNIVATES

Reitor: Prof. Me. Ney José Lazzari

Vice-Reitor e Presidente da Fuvates: Prof. Me. Carlos Cândido da Silva Cyrne

Pró-Reitora de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação: Profa. Dra. Maria Madalena Dullius

Pró-Reitora de Ensino: Profa. Ma. Luciana Carvalho Fernandes

Pró-Reitora de Desenvolvimento Institucional: Profa. Dra. Júlia Elisabete Barden

Pró-Reitor Administrativo: Prof. Me. Oto Roberto Moerschbaecher



Editora Univates

Coordenação e Revisão Final: Ivete Maria Hammes

Editoração: Glauber Röhrig e Marlon Alceu Cristófoli

Revisão Linguística: Veranice Zen e Sandra Lazzari Carboni

Avelino Tallini, 171 - Bairro Universitário - Lajeado - RS, Brasil

Fone: (51) 3714-7024 / Fone/Fax: (51) 3714-7000

editora@univates.br / <http://www.univates.br/editora>

G283 Gaviria Mejía, Margarita Rosa

Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon / Margarita Rosa Gaviria Mejía, Renel Simon - Lajeado : Editora da Univates, 2015.

72 p.

ISBN 978-85-8167-126-0

1. Migração haitiana 2. Biografia I. Título

CDU: 325.14(729.4)

Catálogo na publicação – Biblioteca da Univates

**Esta obra apresenta textos organizados por escritores estrangeiros.
Variações de língua e linguagem podem ocorrer.**

Copyright: Organizadores.

Margarita Rosa Gaviria Mejía
Renel Simon

Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon

1ª edição

EDITORA
UNIVATES

Lajeado, 2015

Dedicatória

Aos desbravadores de fronteiras.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
I. CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DA MIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL.....	13
II. BIOGRAFIA DE RENEL SIMON.....	17
1. Infância e adolescência	17
2. Filho mais velho	21
3. Relação com a mãe	21
4. Educação	22
5. Formação escolar no Brasil.....	24
6. Casamento	26
7. Migração para o Brasil	28
8. A família no Brasil.....	31
9. A família no Haiti	34
10. Identidade de haitiano	36
11. Igreja.....	39
12. Emprego	41
13. Apoio ao imigrante	44
14. Ações de liderança	46
15. Mediador de conflitos	49
16. Mobilizações	50
17. Amizade	57
18. Falta de solidariedade	61
19. Espaços de inserção na sociedade local	62

III. A CHEGADA DOS IMIGRANTES AO BRASIL NOS ÚLTIMOS ANOS.....	65
1. Quais são os fatores que impulsionam a vinda dos imigrantes para o Brasil?	66
2. Quais são suas expectativas no país?	67
3. Quais são os mecanismos que utilizam para entrar?	67
4. Para finalizar	69
REFERÊNCIAS.....	71

APRESENTAÇÃO

O interesse em escrever a biografia de Renel Simon surgiu ao conhecer o papel que ele desempenha entre os imigrantes no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul¹. Realiza diversas ações em prol do contingente migratório que chega à região desde 2010, ano em que as fronteiras brasileiras se abrem para estrangeiros que se encontram em situação de vulnerabilidade em seus respectivos países. Essas ações são focadas, principalmente, nos imigrantes haitianos que moram em Lajeado, mas acabam prestando assistência a imigrantes que moram em municípios vizinhos, não só por ele ser do Haiti, mas por ser o país de onde provém a maior parte da população imigrante. Faltam dados estatísticos sobre a quantidade exata da população haitiana que vive no Vale do Taquari, no entanto, pelos cálculos das empresas empregadoras, representam em torno de 70% dos imigrantes contemporâneos. Os demais são de Senegal, Bangladesh, Índia, Gana, Nigéria, Benin e Afeganistão.

A biografia de Simon é um caminho para a compreensão dos sonhos, contradições e paradoxos que acompanham a trajetória de um imigrante. Sobre esse assunto me debruço sensibilizada, não só por minha formação de antropóloga, que, como é de praxis, busca a compreensão *do outro*. Mas também porque o contato com esse *outro* me revelou um *eu* não reconhecido em meus 25 anos de vida de estrangeira no Brasil. Esse reconhecimento, que começo a elaborar ao mergulhar nos *sonhos* que marcam a trajetória de imigrante em Simon, lembra como os *sonhos* dos imigrantes constroem-se no âmbito de situações de exclusão, por representarem social e culturalmente *o outro*. Vivemos no lugar dos *outsiders* no meio dos *estabelecidos*, conforme as categorias de Norbert Elias (2000).

O convite para participar deste projeto foi logo aceito por Simon. *Sempre pensava escrever um livro contando minha história*, disse quando iniciamos as conversas sobre fatos e sentimentos que

1 Atua com o apoio da Prefeitura Municipal de Lajeado - RS, que o contratou ao conhecer sua trajetória, em abril de 2014, para prestar assistência a imigrantes, no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

marcaram seus 26 anos. Em sua trajetória de vida destaca a infância, a educação e o papel de líder quando estava no Haiti e agora entre os imigrantes no Brasil. São dimensões que se entrelaçam, como se percebe no relato de uma vida de luta pelo sonho de melhorar as condições de vida dele e das pessoas com quem tem partilhado essas batalhas.

O livro é dividido em três partes. A primeira traz um texto sobre o marco histórico, político e social em que se insere a vida de Simon, assinalando alguns fatos que definem a vulnerabilidade estrutural do Haiti e o contexto histórico da migração haitiana para o Brasil. A segunda parte é o relato da vida de Simon. Com base nas teorias de Bourdieu (1986), é construído em torno dos acontecimentos significativos para narrador e biógrafo. Não é um conjunto coerente de fatos vivenciados de maneira linear e em ordem cronológica, mas um relato de elementos descontínuos cuja constância no tempo e no espaço é assegurada pela identidade individual representada pelo nome próprio.

Na biografia de Simon destacam-se fatos sociais que estruturam sua vida: a identidade haitiana, educação, religião, trabalho e migração; papéis sociais desempenhados na estrutura familiar em diversas fases da vida: infância, adolescência e casamento; a natureza das relações que estabelece com membros da família: pai, mãe, irmãos, filhos e esposa; as relações de amizade estabelecidas em diversos espaços sociais com seus correligionários e conterrâneos; os projetos e ações de apoio e solidariedade em que esteve envolvido no Haiti e que desenvolve no Brasil, na condição de líder e representante dos imigrantes haitianos.

A terceira e última parte do livro traz, à maneira de considerações finais, o texto *A Chegada dos imigrantes ao Brasil nos últimos anos*, no qual Renel Simon procura responder questões recorrentes em relação à presença dos imigrantes haitianos no Brasil, mais especificamente em Lajeado, Rio Grande do Sul.

A análise da trajetória de vida de um imigrante haitiano, apresentada neste texto, corresponde a um dos objetivos do projeto de pesquisa *Imigração de haitianos para o Brasil: análises de um processo em construção a partir de um estudo de caso*. Procura compreender as trajetórias migratórias por meio do estudo das histórias de vida

dos imigrantes haitianos. Indaga como se constroem os processos de identidade na relação dos haitianos com membros da sociedade no local de assentamento. O projeto é desenvolvido, desde o final de 2013, por uma equipe interdisciplinar do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS) e do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD)² do Centro Universitário UNIVATES, com apoio financeiro do CNPq³.

Margarita Rosa Gaviria Mejía

-
- 2 Participam do projeto: Margarita Rosa Gaviria Mejía, Rosmari Cazarotto, Daniel Granada, Fernanda Brod, Fabiane Baumann, Tânia Miorando, João Back, Márcia Volkmer, Silvana Rossetti Faleiro, Marta Luisa Piccinini (professores do CCHS); Emeli Lappe e Jaqueline de Bortoli (mestrandas do PPGAD); e Sandreana Bohrer (advogada).
 - 3 Projeto: Processo 470375/2014-0, CHAMADA MCTI/CNPQ, deferido em 5 de dezembro de 2014, coordenado pela Professora da Área das Humanidades do CCHS e do PPGAD, Margarita Rosa Gaviria Mejía.

I. CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DA MIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL

O terremoto de janeiro de 2010⁴, considerado o maior desastre natural das últimas décadas, contribuiu para reforçar a influência norte-americana no Haiti. Os Estados Unidos enviam 20.000 marines para controlar o país. Assim, o desastre renova o interesse internacional no Haiti, organizam-se diversas cúpulas internacionais com o objetivo de reconstruir a Ilha, no marco do qual os Estados Unidos e a Europa disputam entre si a liderança pela reconstrução, que provavelmente poderia mobilizar 9 bilhões de dólares em 10 anos (LOUIDOR, 2013).

Uma das instituições haitiana-internacional, a Comissão Interina para a Reconstrução do Haiti (CIRH), constituída após o terremoto, é controlada por grandes potências e organismos internacionais, entre eles destaca-se os Estados Unidos. Os críticos argumentam que o CIRH não beneficia os haitianos, mas os doadores, pois possibilita a estes últimos canalizar contratos de projetos multinacionais. Diante desse quadro, as organizações de direitos humanos de haitianos desabrigados têm protestado contra o processo lento de reconstrução, a dependência e a falta de transferência na gestão dos fundos.

O panorama do Haiti não só é desolador em termos econômicos e ambientais, mas também políticos. O Estado, tomado por intervenções estrangeiras, carece de autonomia no território nacional. Esse quadro tem forçado, nas últimas décadas, mais de um quarto da população a migrar (LOUIDOR, 2013). Migram em vista de que a solidariedade e o auxílio humanitário internacional que o Haiti recebe por causa da crise econômica, política e ambiental das últimas décadas não permitiram melhorar o país. “Muitas ONGs são corruptas e as construções de fato não foram feitas para

4 Terremoto de 7 graus na escala Richter que atingiu cerca de 3 milhões de pessoas, provocou 220 mil mortes e desabrigou 1,6 milhão de habitantes (MAMED; OLIVEIRA, 2013).

a população local”, afirma o padre Paolo Parise da Missão Paz, presente no Haiti antes mesmo do terremoto.

Os analistas políticos assinalam que a imigração dos haitianos é uma estratégia econômica encontrada para resolver, em parte, as dificuldades econômicas do país. Valores enviados por migrantes representam 25% do produto interno bruto (PIB) do Haiti (FERNANDES; CASTRO, 2014). Estudos sobre migração mostram como os problemas socioeconômicos são frequentes quando se justifica a escolha de partir em busca de melhor condição de vida e trabalho no exterior. No caso dos haitianos não é diferente, mas não é o único. A crise política interna, as violações aos direitos humanos, a falta de infraestrutura, entre outros, estimulam a migração.

Os haitianos decidem atravessar fronteiras internacionais desde 1957, mas este processo se intensificou nas últimas décadas. A imigração haitiana para os Estados Unidos triplicou entre 1990 e 2012. O censo de 2010 contou quase um milhão de haitianos nesse país (FELLET; KAWAGUTI, 2014). Também há haitianos na França (77.000), Canadá (74.000), e Bahamas (40.000) (NWOSU; BATALOVA, 2014). Na República Dominicana, único país a dividir fronteira terrestre com o Haiti, estima-se que haja entre 500 mil e 800 mil haitianos. Para Seguy (2014), o papel do Haiti é o de fornecer mão de obra barata. Distingue dois fluxos migratórios: o de cérebros que migram principalmente para o Canadá e os manuais que migram para o Brasil e outros países latino-americanos.

Em decorrência do terremoto de 2010. E, perante as dificuldades de migrar para os Estados Unidos e a Europa, os haitianos procuram o Brasil (FELLET; KAWAGUTI, 2014). Conforme o representante da Organização dos Estados Americanos (OEA) no Haiti, de 2009 até 2011, entre 65% e 80% da população haitiana planejam se mudar para o Brasil (ALMEIDA, 2014). O fato que impulsiona esta migração não é apenas o da facilidade de adquirir o visto humanitário que o Brasil lhes oferece, pois países como Argentina, Chile, Equador e Peru também oferecem visto. Outras razões apontadas pelos teóricos do assunto são: avaliação positiva de o Brasil, considerado um país próspero e de oportunidades; presença militar brasileira no Haiti na coordenação da Minustah (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do

Haiti), estabelecida em 2004, e o convite do presidente Lula aos haitianos a emigrar para o Brasil, em visita realizada ao Haiti, um mês depois do terremoto (FERNANDES; CASTRO, 2014), entre outros. Deslocam-se também para países da América do Sul⁵, mas o Brasil é o destino mais visado.

Dados do Governo Federal Brasileiro indicam que, do início de 2010 até o final de 2013, 21 mil haitianos obtiveram visto permanente para viver no Brasil. O número total de haitianos no Brasil é, no entanto, desconhecido, já que muitos ainda aguardam o visto (FELLET; KAWAGUTI, 2014). Mesmo assim, esse número é baixo em comparação ao total de imigrantes haitianos em outros países.

5 Em 2010, o Alto Comissariado da Organização das Nações Unidas (ONU) para Refugiados registrou 25.892 refugiados (MAMED; OLIVEIRA, 2013).

II. BIOGRAFIA DE RENEL SIMON

1. Infância e adolescência

Nasci numa família pobre

Simon nasceu no dia 8 de fevereiro de 1989 em Verrettes, departamento de Artibonite, numa família das camadas sociais baixas haitianas, marcada pela pobreza e o analfabetismo. Seus pais são pobres e não sabem ler e escrever, apenas assinar o nome, disse ele. Por isso, Simon conviveu com muitas dificuldades financeiras na infância, somadas às dificuldades que enfrentam crianças, quando passam a maior parte da infância sem a presença materna.

O pai do Simon nasceu em Arcahaie. Mudou-se para Pont Sondé, departamento de Artibonite, onde conheceu a mãe de seus filhos. Quando Simon tinha quatro anos de idade, seus pais, que viviam em união estável, se separaram. *Não dava certo ficar juntos. Decidiram se separar sem brigas*, conta, sem esclarecer qual foi o motivo do conflito que provocou a separação nem como foi vivenciado esse processo. A partir dessa separação, Simon vivenciou a infância sem a presença da mãe. O pai criou sozinho os três filhos, pois, quando se separou da mãe de Simon, decidiu ficar com os filhos para poupá-los das dificuldades financeiras que teriam se ficassem com a mãe. Ele tinha melhores condições de sustentá-los do que sua ex-companheira. Levou os filhos para morar em outra cidade, Arcahaie a uns 200 quilômetros de distância de Leogane onde moravam antes, enquanto a mãe voltou para Pont Sondé, sua cidade natal.

Em Arcahaie, o pai trabalhou em Lexaragua, um grande hotel de luxo, e ganhava bem. Sua função era fazer a limpeza e controlar a entrada e saída de pessoas do hotel. Simon morava com o pai e dois irmãos mais novos que ele, a irmã, dois anos mais nova, e o irmão, quatro anos mais novo, numa casa do lado do hotel. Pelo que Simon conta, *era muito legal*. Foi o único trabalho do pai, pois no Haiti é difícil ter trabalho. Pelo discurso, percebe-se que a categoria

trabalho é utilizada para designar vínculos formais. Enquanto o pai trabalhava no hotel, Simon brincava com os irmãos.

Na infância não brincava com carrinhos nem a irmã com bonecas, como faziam as crianças de sua idade em famílias com mais recursos. Por falta de condições financeiras, o pai não lhes comprava brinquedos, *eram muito caros*. Lembra que nessa fase da vida jogava com bolinhas de gude, *mab* em crioulo. E, a contragosto do pai, Simon gostava bastante de jogar futebol com os amigos, tendo, em duas ocasiões, uma aos dez anos de idade e outra aos dezesseis, quebrado o braço enquanto jogava. Disse que nessa fase da vida o pai era muito rígido e não deixava ele e os irmãos saírem. Se saíam sem avisar, os castigava. Os castigos eram bater com cinto e botar de joelhos no chão com os braços abraçados.

No hotel, a família permaneceu apenas três anos. O pai foi demitido. A demissão aconteceu porque a vizinhança, nas proximidades do hotel, era constituída por famílias pobres que enfrentavam escassez de água, enquanto no hotel havia bastante. O pai de Simon, sensibilizado com a situação dos vizinhos do hotel, os deixava entrar para pegar água. Essa situação durou até o momento em que uma pessoa alertou o dono do hotel do risco de roubo que corria o estabelecimento com a entrada dos vizinhos. *Sentimos bastante*, comenta Simon ao narrar a saída do hotel.

Depois da demissão do hotel, o pai ficou andando pelo Haiti com os filhos. Começou a fazer comércio, atividade que desenvolvia antes de se separar da esposa. Simon cresceu com o pai lutando para sobreviver; enfrentaram situações de miséria. O pai vendia legumes, mas não era ele quem os plantava. Trata-se de plantas que crescem quando chove e as recolhem e vendem em Porto Príncipe, a capital. Conta que não sabe qual é o nome desses legumes em português, nunca os viu aqui. Para ele, no Brasil, não há nenhum alimento parecido. *É muito diferente, é verde, é outra vegetação. É um legume que a gente come, a gente faz sopa, faz comida*, explicou. Colhendo e vendendo legumes construíram a vida em família. Simon aprendeu a vender legumes para sobreviver, e acompanhou o pai nessa atividade até os 21 anos de idade.

Conforme a descrição que Simon faz do comportamento do pai, este tinha um temperamento nômade que influenciou na vida

de Simon e de seus irmãos. Hoje estavam em uma cidade, amanhã em outra, não se estabilizaram em nenhum lugar. Por isso não os matriculou em nenhuma escola. Simon não entendia o porquê de seu temperamento. Perpassa em seu comentário uma diferença de comportamento com o pai. Para dar uma ideia do jeito de ser do pai, disse que se o pai viesse para Lajeado, onde Simon mora no Brasil desde 2012, ficaria seis meses e depois iria para outro lugar. *Se não se dá bem num lugar, vai para outro*. Contudo comenta que, desde 2005 e 2006, o pai mora em Arcahaie, cidade localizada a 54 quilômetros de distância de Porto Príncipe. Nela Simon viveu a maior parte de sua vida. Ele destaca que nessa cidade foi inaugurada a bandeira do Haiti.



Festa da Bandeira em Arcahaie, 18 de maio de 2015. Acervo: Renel Simon.

Em Arcahaie, no departamento de L'ouest, todo ano, no dia 18 de maio, a população do país se reúne para celebrar a Festa da Bandeira⁶. Começa dia 16 e vai até o dia 20 de maio. São três ou quatro dias de festa. O presidente do Haiti sempre comparece à

6 Dia da Bandeira é feriado no Haiti e uma data em que acontecem festas, conferências e apresentações com música e danças típicas. A bandeira haitiana foi criada no dia 18 de maio de 1803, com as cores azul e vermelho. No centro há um painel branco com o brasão de armas do país. Ele é composto por um troféu de armas, representando o desejo dos compatriotas em defender a liberdade do Haiti, e uma palmeira real, que simboliza a independência. A palma é coberta pela "Capa da Liberdade". O lema da nação, retratado em um pergaminho branco, significa "A união faz a força" (GAZETA DO POVO, 2014).

cerimônia, e nela se manifesta por meio de um discurso. Convidam músicos. Fazem uma festa no qual todos os políticos participam: deputados e senadores. O presidente visita o monumento de Cathrine Flon, um símbolo da revolução e da independência do Haiti, em homenagem à mulher que costurou a bandeira do Haiti, em 1804. Outra festa nacional importante acontece no dia primeiro de janeiro, quando se comemora a independência em Gonaives, capital de Artibonite.



Monumento de Cathrine Flon. Acervo: Renel Simon.

2. Filho mais velho

Fiquei como primeiro da família

Simon é o mais velho da família. A mãe tinha duas filhas antes de Simon nascer, mas morreram. *Fiquei como primeiro da família.* Como filho mais velho ajudava o pai a cuidar dos irmãos, fazia comida e lavava roupa. O pai não casou depois da separação. Da primeira mulher com quem se envolveu, após a separação da mãe de Simon, separou-se logo. Não tiveram um bom relacionamento porque ela maltratava o irmão mais novo de Simon, não cuidava bem dele, não lhe dava banho. Depois o pai relacionou-se com uma segunda mulher com quem ficou dois anos. Simon disse que a vivência com ela *era normal, porque no Haiti as crianças respeitam muito os adultos.* Ela ajudava a cuidar da casa, representava a mãe que estava ausente. A mulher do pai tinha três filhos, dois mais velhos que Simon e um mais novo, mas não moravam com eles. A separação do pai com a segunda mulher, aconteceu em uma ocasião em que ela foi visitar a família na cidade natal e não mais retornou. Depois de um tempo voltaram a viver juntos. Mas não deu certo. Atualmente o pai está sozinho. Os detalhes acerca dos conflitos nas relações familiares não estão presentes na narrativa de Simon, tanto no que diz respeito a sua família de origem quanto a sua família de casamento.

3. Relação com a mãe

Fiquei seis anos sem ver minha mãe

Após a separação, não falavam com a mãe porque não tinham meio de comunicação. Na época não havia telefone. Mas tanto ele quanto seus irmãos sentiam a falta da mãe. As saudades foram se acumulando até o dia em que Simon disse ao pai que queriam vê-la. No início o pai não aceitou, mas depois cedeu e decidiu levá-los a seu encontro. Esse momento na vida de Simon aconteceu quando ele tinha dez anos de idade, seis anos depois da separação dos pais. Ao referir-se a esse momento, salienta a felicidade da mãe, *ficou bem feliz.* Passou todos esses anos sem ver nem falar com os filhos. Quando reencontraram a mãe, ela vivia com outro homem e tinha

três filhos, uma menina e dois meninos. O companheiro da mãe morreu. Após, a mãe teve outros homens. Simon não utiliza as categorias *marido* ou *esposa* para definir as pessoas que viveram em união marital com seus pais. Para ele, essas são categorias utilizadas para designar os membros de um casamento, que se constitui por meio do ritual religioso.

Três anos depois do reencontro com a mãe, em 2002, o pai de Simon ficou doente, teve tuberculose. Ele estava em tratamento, não podia trabalhar muito; contudo, não teve que ficar em isolamento, apenas tinha menos força para cuidar de todos os filhos. *Não é uma doença em que a pessoa não pode se virar. Não precisava de ninguém, só que precisava descansar um pouco.* Assim, Simon e a irmã foram morar na casa da mãe, o caçula ficou com o pai, porque o pai *não queria ficar sozinho, sem nenhum filho*, explica Simon.

Enquanto viveu com a mãe, o homem que morava com ela ajudou a cuidar de Simon e da irmã. *Eu gostava dele, do jeito que nos ajudava, como pai, nas despesas. Pagava aluguel e comida. Por isso era um pai para nós.* Para Simon, o relacionamento com o padrasto *era bom*. Nunca teve problema com ele. Segundo Simon, sua experiência tanto com o padrasto quanto com as madrastas foi boa.

4. Educação

Uma vida desperdiçada, recuperada

A educação para Simon tem sido um desejo permanente, ao ponto que muitas das mudanças de moradia e de atividade têm sido determinadas pelo interesse em aumentar sua formação escolar. A educação está sempre em primeiro plano quando evoca seus projetos de vida. Tanto que, ao lembrar de sua infância, fase na qual o pai dedicou-se ao cuidado e criação dele e dos irmãos, a única falha que assinala no pai é o fato de não o ter matriculado na escola. Contudo, não o reprova, justifica dizendo que, por causa do trabalho intenso para garantir o sustento dos filhos, não tinha tempo para colocá-lo numa escola para estudar. O sonho de Simon era estudar e depois casar. Acabou casando antes do projetado, mas sempre procurando espaços para dar continuidade à formação escolar, tanto no Haiti quanto no Brasil.

Falar de situações doloridas na infância e na adolescência não é fácil. Na narrativa de Simon acerca da infância percebem-se algumas lacunas, fatos sobre os quais manifesta dificuldade de exteriorizar com palavras. Num primeiro momento disse que o pai o colocou para estudar. Dias depois, ao se remeter ao fato, no lugar do pai como protagonista dessa ação, Simon refere-se à mãe. Ela o colocou para estudar porque estava mais interessada na formação escolar dos filhos do que o pai.

A mãe o matriculou no segundo ano de ensino fundamental, dizendo para a direção da escola que ele já tinha feito o primeiro ano. Talvez a mãe quisesse “adiantar” o filho porque no meio em que viviam não era muito comum que as pessoas comesçassem a estudar aos 13 anos de idade, como foi o caso de Simon.

Simon não havia estudado antes, não tinha cursado o primeiro ano de ensino fundamental. Assim que pulou o primeiro ano. Quando entrou no segundo ano, *não sabia escrever nem a data*, lembra. Teve muita dificuldade no início. Quem o ajudou a enfrentar as dificuldades nessa fase foi a irmã mais nova, ela já tinha começado a estudar porque estava morando com a mãe antes do que ele. Quando a irmã foi morar com a mãe, em 2000, esta a matriculou na escola.

Em 2002, começou a estudar na escola em Artibonite em Pont-Sondé, onde permaneceu até 2005. Para enfatizar que apenas aos 13 anos frequentou a escola pela primeira vez, Simon quis que o título desse relato fosse *uma vida desperdiçada, recuperada*. Para ele, seus anos de vida, até os 13 anos, fora da escola foram *desperdiçados*, contudo uma vez que entra na escola e inicia a formação escolar os *recupera*.

A educação fundamental no Haiti dura quatro semestres. Segundo Simon, ele se destacou nas notas. No primeiro semestre, a média foi 5 e recebeu elogios das pessoas que acompanharam sua formação escolar. Fez o ensino fundamental em Pont-Sondé. Passou dois anos estudando numa escola pública, tinha que pagar 100 gourdes, moeda oficial do Haiti; no entanto, *não é a única*, disse Simon. O dólar americano é utilizado para adquirir alguns bens, como *comprar carro e ir ao shopping*, argumenta.

Depois foi estudar numa escola particular que um tio, único irmão da mãe que mora nos USA, lhe pagou durante dois anos, no 4º e 5º ano do ensino fundamental. O tio pagou a escola apenas para Simon. Nenhum dos irmãos do Simon recebeu esse apoio do tio, apenas Simon porque era o mais interessado em estudar.

No Haiti, no 6º ano se faz uma prova nacional. Simon a fez e tirou o primeiro lugar entre os alunos da escola e um dos primeiros lugares da cidade do Arcahaie. A escola lhe forneceu uma bolsa de estudo. Não precisou pagar, cursou o 8º e 9º anos com bolsa. O 7º ano cursou com recursos próprios. Depois foi para Lycée Charles Bélaire de l'arcahaie, escola pública onde pagava 250 gourdes.

Quando voltou a morar com o pai em Arcahaie, em 2005, quis continuar estudando. Simon disse ao pai: *todo mundo tem que estudar*, referindo-se a ele e aos irmãos. Uma espécie de cobrança, já que, na ocasião, *tinha crescido e tinha entendido as coisas e sabia que tinha que estudar*, comenta. Nesse tempo, a mãe e o padrasto também se mudaram para Arcahaie. Apesar de Leogane, onde moravam, ser uma cidade maior, em Arcahaie tinham melhores oportunidades para desenvolver o comércio. Dois anos depois de estar em Arcahaie, em 2007, o padrasto morreu.

5. Formação escolar no Brasil

Tinha o sonho de terminar o ensino médio e fazer faculdade

Assim como no Haiti, no Brasil, Simon queria continuar estudando. *Tinha o sonho de terminar o ensino médio e fazer faculdade*, conta. Por isso, dois meses depois da chegada em Bom Retiro, no Rio Grande do Sul, onde foi morar após assinar contrato de trabalho com uma empresa em Estrela, que o trouxe de Manaus, junto com outros haitianos, em 12 de agosto de 2012, foi numa escola da cidade e disse que queria estudar, *mas nunca me ligaram*, afirma.

Meses depois saiu da empresa em que trabalhava em Estrela e mudou-se para Lajeado. Estando em Lajeado, procurou o Colégio Estadual Presidente Castelo Branco, mas não havia mais vagas. Saiu andando e no caminho encontrou um rapaz. Simon lhe perguntou se sabia de algum outro lugar para estudar. O rapaz lhe indicou a Escola Erico Veríssimo e lhe deu as instruções sobre

sua localização, avisando que era muito longe do lugar onde eles estavam, dois quilômetros. Simon narra o encontro com esse rapaz como um momento marcante em sua vida. O rapaz representou para Simon alguém que mostrou uma luz em seu caminho. Se para o rapaz dois quilômetros de distância eram muito, para Simon era pouco, mais ainda quando caminhava animado pela esperança de encontrar um lugar onde realizar o sonho de continuar seus estudos.

Simon disse que chegou à recepção da Escola Erico Veríssimo com um discurso preparado, *porque queria a vaga na escola, mas meu português ainda não era muito bom. Eu tinha medo que, se eu não falasse bem português, não entrasse. O discurso que preparei foram frases de apresentação: Meu nome é tal. Moro em Lajeado e quero me matricular, quero estudar.* Após sua apresentação, a recepcionista viu os documentos e lhe perguntou se era haitiano. Fez sua matrícula e lhe disse que podia iniciar o estudo no mesmo dia. *Fiquei muito feliz naquele dia porque conseguiria estudar,* comenta Simon ao descrever o acontecimento. Animado com a certeza de que poderia começar na escola, saiu para comprar material escolar.

Começou o primeiro ano de ensino médio no início do ano de 2013. Duas semanas depois, uma professora responsável pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) lhe informou que este era um programa de ensino elaborado para jovens e adultos finalizarem o ensino fundamental e médio, apropriado para ele que tinha 24 anos. Em um primeiro momento, Simon rejeitou a ideia de fazer o EJA, pois não entendia bem o que era, tinha medo que não pudesse depois ingressar na faculdade, que era outro de seus sonhos. A professora lhe explicou de que se tratava o EJA e que não seria impedimento para entrar na faculdade, já que é um curso validado oficialmente no Brasil.

Simon iniciou o T 7. Conta que foi difícil para ele porque ia em dias de chuva e frio para a Escola. Mesmo assim *eu aguentei,* disse ele. *Só faltei um dia em que fui dar uma palestra na Univates. Nunca atrasei.* Fez o T7 e o T8 em um ano, seis meses em cada nível. T 9 em 2014. No primeiro semestre de 2014 conseguiu concluir o ensino médio e no segundo semestre desse mesmo ano ingressou no curso de Relações Internacionais do Centro Universitário UNIVATES.

Comenta que em dois anos de moradia em Lajeado sua vida melhorou muito. Quer finalizar a faculdade e fazer mestrado no Brasil. Durante as conversas que tivemos acerca de sua trajetória de vida, comentou que o curso de Relações Internacionais pode ser interrompido por questões financeiras. Manifesta com tristeza sua intenção de trancar a faculdade, pois a esposa está desempregada e ele está com dificuldade de honrar sozinho os compromissos financeiros necessários para o sustento de sua família. Esses compromissos, no momento em que a esposa ficou desempregada, tinham aumentado porque Simon comprou um carro, a ser pago em prestações, para facilitar a locomoção da família, levar os filhos na creche e ele se deslocar até a faculdade. Além do carro, teve as despesas com o curso de habilitação para fazer a carteira de motorista.

Diante da dificuldade em arcar com todas as despesas, Simon afirma que vai ter que se abster de alguma coisa. *Estudo é muito importante, mas no mês que vem tem que pagar duas parcelas de 258 e não tenho como pagá-las. Não é o que gostaria.* Observou que se trancar, pensa em voltar no ano que vem. O sonho de cursar faculdade veio abaixo com a situação da esposa e a repercussão na vida da família. Conforme o relato de sua vida, essa é a segunda vez em que um imprevisto pessoal se torna obstáculo para continuar estudando. A primeira vez foi no Haiti. Quando estava em seu país natal, seu *sonho*, categoria usada por ele para definir seu projeto de vida, era concluir os estudos, fazer primeiro faculdade, economizar algum dinheiro e depois casar.

6. Casamento

O único jeito de resolver é casar

Simon conheceu a esposa, Victolene, em Porto Príncipe por intermédio da mãe dela, com quem Simon fez amizade porque ambos comercializavam produtos alimentícios no mercado de Porto Príncipe. Ele vendia legumes e a mãe dela vendia alimentos prontos (cozidos). Durante o dia, Victolene estudava; na volta da escola, ajudava a mãe no comércio, o que propiciou o contato e o relacionamento com o Simon.

Victolene nasceu em Delmas, Porto Príncipe, sendo filha única pelo lado materno. Por parte do pai tem outros irmãos. O pai constituiu outra família e a Victolene só o conheceu aos nove anos de idade. Antes de ela nascer, o pai migrou para os Estados Unidos. Atualmente, os familiares mais próximos da Victolene no Haiti são a mãe, as tias, primos e primas.

No início do namoro Victolene morava em Porto Príncipe e Simon em Arcahaie, onde cursava o 1º ano do ensino médio. Após cinco meses de namoro, ela ficou grávida. E, segundo os preceitos morais da igreja evangélica que frequentam, é proibido namorar uma menina antes de casar. Como *o único jeito de resolver é casar*, Simon a pediu em casamento em outubro de 2010. Casaram na Igreja Batista em 15 de janeiro de 2011, quando ambos estavam com 22 anos de idade.

Depois do casamento, Simon foi morar em Porto Príncipe, na casa da sogra, e estudava em Arcahaie, cidade localizada a 54 quilômetros de Porto Príncipe. Passava a semana estudando em Arcahaie, na casa do pai, e no final de semana ia para Porto Príncipe. Mesmo casado, Simon continuou os estudos. *Estava no 1º Ano do ensino médio quando casei*. Trabalhava numa organização internacional, Lifeline, americana, organização que possui no Haiti clínicas, igrejas, escolas de ensino fundamental e médio, e fornece comida para a população. Nela Simon trabalhava como intérprete. Após o terremoto, a Lifeline reduziu as atividades e nessa reestruturação Simon ficou sem emprego. Em junho de 2011 nasceu a primogênita, Diorsenka. Em novembro do mesmo ano Simon migrou. Como ele disse, *lá era muito difícil conseguir emprego. Decidi sair e vir para o Brasil*.

O casamento e o nascimento dos filhos também são percebidos por Victolene, a esposa do Simon, como fatos que a impediram de estudar. Ao ser questionada acerca de seu sentimento como mãe, manifesta uma posição ambígua, por um lado *não está feliz porque parou de estudar*, por outro *se sente feliz como mãe*.

Sobre o nascimento dos filhos, afirma que o parto da filha, nascida quando morava no Haiti, foi melhor do que o do filho que nasceu em Lajeado. No nascimento da filha teve ajuda da família, da mãe dela, dos pais do Simon e da cunhada, a irmã do Simon.

Simon explica que, no Haiti, no meio social em que eles se inserem, é costume que nos três primeiros meses após o parto a família ajude a mulher. Os familiares fazem comida e lavam roupa, ajudam nas tarefas domésticas. Em Lajeado, quando nasceu David, o filho, só teve ajuda de Simon e de uma haitiana que veio de São Paulo.

Acerca da haitiana que ajudou nos cuidados da Victolene e do bebê, Simon comenta que *morava em São Paulo desde outubro de 2013 e não tinha como fazer os documentos. Não entendia nada de português. Na cidade não tinha nenhum haitiano para lhe ajudar. No Brasil, quem vem com visto humanitário tem 30 dias para se registrar na Polícia Federal. Após essa data, tem que pagar uma taxa de 8,25 reais por dia. Ela estava com essa dificuldade, e um amigo dela que mora em Lajeado lhe disse que viesse para Lajeado. Chegou a Lajeado e o amigo a levou até Simon, e eu a recebi na minha casa. Simon lhe ajudou a encaminhar os documentos. Apesar dos muitos obstáculos burocráticos, conseguiram. Na Polícia Federal de Santa Cruz disseram que era impossível regularizar sua situação, mas eu não desisti. Na Central, em Porto Alegre, disseram que era possível.*

De momento, essa haitiana está com visto permanente e carteira de trabalho. Trabalhou três meses em uma indústria de alimentos de Lajeado. Foi demitida por um problema com uma colega. Atualmente trabalha em uma indústria de alimentos em Poço das Antas. *Como eu a ajudei a tirar os documentos, ela decidiu ficar morando comigo*, conta Simon. Sua presença era importante na casa de Simon, porque naquele momento sua esposa estava grávida, e, quando o filho nascesse, ela lhes daria a assistência necessária.

7. Migração para o Brasil

Saí porque tinha que trabalhar e não tinha emprego

Na minha infância, quando comecei a estudar, nunca pensei em morar em outros países. Pensava em estudar, terminar meus estudos e visitar outros países. Ou estudar em outros países para voltar ao país, revelou Simon ao se referir a sua história de vida. Como a situação financeira no Haiti era difícil, no momento de sua vida em que se tornou marido e pai, decidiu migrar. *Saí porque tinha que trabalhar e não tinha emprego*. Em vista de barreiras de entrada, impostas

para imigrantes pelos Estados Unidos, Canadá e França – países com um expressivo contingente de população haitiana, sendo os destinos preferidos –, decidiu migrar para o Brasil, aproveitando a solidariedade desse país com o povo haitiano.

O intenso fluxo migratório de haitianos para o Brasil, desencadeado a partir de 2010, fez o governo brasileiro, em janeiro de 2012, por meio do Conselho Nacional de Imigração (CNIG), aceitar a entrada de haitianos e criar um visto especial para eles, nomeado visto humanitário, concedido àqueles que não tinham antecedentes penais. *Fiquei sabendo que o Brasil estava recebendo estrangeiros, o pessoal estava vindo desde 2010.* Até então, o Brasil era conhecido por ele apenas pela imagem transmitida pela escola, como o país do futebol e do café.

Quando Simon se preparava para deixar a família no Haiti, entrou em contato com parentes da esposa que já estavam no Brasil e lhes perguntou como fazer para vir, *porque é uma viagem clandestina, sem visto, a gente pede informações para quem passou primeiro e sabe como é o caminho*, explicou ele. A narrativa revela que o processo migratório inicia com a obtenção de dados do lugar de destino com haitianos que já vivenciaram a experiência migratória e encontram-se assentados no Brasil.

Simon veio sozinho para Brasil, *sem saber se iria dar certo ou não*. Comprou as passagens e saiu no dia 16 de novembro de 2011 de Porto Príncipe em direção a Lima. Na capital peruana pegou um avião para Iquitos, Perú, e ali iniciou uma viagem de barco por quatro dias rumo a Tabatinga, cidade brasileira que faz fronteira com a Colômbia, onde chegou em 19 de novembro, três dias após sua saída do Haiti.

Em Tabatinga permaneceu dois meses esperando o protocolo, que conseguiu em 19 de janeiro de 2012. Nesse período passou dificuldades financeiras. Conseguiu superá-las com o apoio da sogra de Porto Príncipe, que lhe mandava dinheiro. Durante sua estadia em Tabatinga fez amizade com outros haitianos, com os quais compartilhou a viagem até Manaus, para onde Simon foi após a emissão do protocolo. A viagem de Tabatinga a Manaus pelo rio Amazonas durou quatro dias. Saiu de Tabatinga no dia 28 de janeiro e chegou em 1º de fevereiro de 2012 em Manaus.

À capital do estado do Amazonas, Manaus, chegaram Simon e outros 400 haitianos. Na região, no momento de sua chegada, não havia possibilidade de emprego para haitianos e não havia lugar para ficar. Estando em Manaus, um padre da igreja católica levou de ônibus os haitianos recém-chegados de Tabatinga para um abrigo. Simon e outro haitiano que estavam juntos não foram com eles porque um amigo haitiano, que Simon conheceu em Tabatinga, prometeu-lhe alugar um quarto e o buscar assim que chegasse em Manaus.

Quando Simon chegou a Manaus, esse amigo lhe disse que não conseguiu a casa. Decepcionou-se porque tinha a esperança de morarem juntos. No primeiro dia em Manaus, Simon não tinha onde dormir e pensou, *se eu soubesse disso, não teria vindo morar em Brasil. Fiquei um pouco bravo. Deixei meu país e não tenho onde morar.* Ele tinha dinheiro, só que não conseguia moradia. Teve que dormir um dia no chão, na sacada da casa do padre. No segundo dia em Manaus, 2 de fevereiro de 2012, retirou, com a ajuda de um conterrâneo, o CPF na agência dos Correios, o qual já tinha pago no dia anterior. Depois de retirar o CPF, voltou ao bairro São Geraldo, onde moravam vários haitianos na época.

8. A família no Brasil

Deve orientar a família, a filha na educação, apesar de que a mulher também o ajuda



Simon com a esposa Victolene e seus filhos, David e Diorsenka. Acervo: Renel Simon.

A esposa chegou ao Brasil há um ano e três meses, em seis de novembro de 2013. Simon gastou 2.300 dólares em passagem, 350 dólares com passaporte e 440 dólares com o visto. Mãe e filha saíram do Haiti e seguiram de avião até o Panamá. Do Panamá, deslocaram-se em um voo direto até Porto Alegre. Um mês depois de terem chegado, em 12 de dezembro, a mulher começou a trabalhar. Não gostava do trabalho porque fazia muito frio dentro da empresa. Simon comentou que ela gosta do Brasil, o que Victolene confirmou numa conversa posterior. Não gosta é da empresa de alimentos onde trabalhou a maior parte do tempo vivido no Brasil. Enquanto trabalhava nessa empresa, chorava muito porque as temperaturas no ambiente de trabalho são muito baixas, por causa da refrigeração dos produtos.

Essa empresa de alimentos, assim como outras localizadas na região do Vale de Taquari, contratou muitos dos haitianos que chegaram ao Brasil em 2012 para suprir a falta de mão de obra. Precisavam de pessoas para desempenhar funções que os brasileiros não têm interesse em exercer pelo desgaste físico que

elas representam. Mas, com o tempo, tanto a empresa em que trabalharam Simon e Victolene, quanto muitas outras na região começaram a frear o ingresso de imigrantes haitianos e a cortar o auxílio na infraestrutura, oferecida no início do contrato de trabalho, para que tivessem boas condições de vida. Nos primeiros meses de trabalho, forneciam subsídio de moradia.

A respeito da empresa de alimentos de Lajeado que oferecia mais vagas de emprego para haitianos, Simon observou que agora não querem contratar haitianos, nem mulheres nem homens. A empresa argumenta que é *uma questão administrativa*, mas para ele é preconceito. Para Simon, o corte de mão de obra feminina acontece porque elas engravidam quando começam a trabalhar.

No momento da conversa com Simon, a esposa tinha saído da empresa de alimentos porque se sentia muito mal com o frio. Após sair da empresa, trabalhou de empregada doméstica na casa do dono de um laboratório clínico de Lajeado, por quatro dias. Simon disse que ela não gostou do trabalho, pois *a mãe da dona da casa era chata, Victolene conectou o celular na tomada e a mãe da patroa tirou*, contou Simon. Ele está procurando emprego para Victolene, porque cobrir as despesas sozinho é muito puxado. Procurou em várias agências de trabalho, mas é difícil. Victolene não tem profissão e a formação escolar é básica, *finalizou o 1º grau*. No Haiti, ela aprendeu a fazer arranjos de flores para festas de casamento, mas Simon não pede ajuda, *porque é muito complicado*. Está pensando em fazer um negócio particular para ela, mas agora não tem condições financeiras. Apesar da crise que enfrenta, o casal não cogita a possibilidade de que Victolene retorne à empresa de alimentos, mas *ela precisa trabalhar*, exclama Simon. O sonho da Victolene, segundo a tradução do Simon, é crescer financeiramente para educar os filhos e ajudar a família no Haiti. No entanto, não quer trabalhar num lugar frio.

Victolene não sabe bem português, tem dificuldade de aprender a língua. Considera-se uma pessoa *tímida*, temperamento que, segundo ela, dificulta a aprendizagem da língua e limita as possibilidades de conseguir emprego. Algumas de suas amigas já falam um pouco de português. Fez amizade com haitianas que trabalham na empresa de alimentos onde ela trabalhou. Os

encontros de Victolene com suas amigas acontecem no final de semana, quando se reúnem para pentear o cabelo, conversar e ir à igreja. *Ela é tímida, mas com as amigas não. Quando se encontram na igreja, sempre tem papo entre elas*, disse Simon.

Sobre o casal, Simon comenta: *amo minha esposa. A gente se dá muito bem. Apesar de terem um bom relacionamento, o desemprego dela está criando um clima tenso na relação do casal. É o que se percebe quando Victolene fala do Simon. Conforme a tradução de Simon, a avaliação que Victolene faz do casal é: que eu sou fiel com ela, mas que eu fico bravo com ela quando faz alguma coisa errada. A coisa errada agora é que não está trabalhando, não consegue trabalhar.* Os problemas financeiros estão impossibilitando o casal de enviar dinheiro para a família, aos pais do Simon e à mãe da Victolene no Haiti, de quem sentem saudades.

Considera-se bom pai e bom marido porque trabalha para ajudar a manter a casa, pagar as contas e despesas. Seu papel principal é liderar o família. Orienta e auxiliar os filhos, enquanto a esposa tem seus afazeres e contribui conforme suas condições. Na educação da filha mais velha segue o exemplo de seu pai, *a gente mantém a cultura com as crianças*. O filho menor está com oito meses.

Acerca da responsabilidade da mulher, Simon afirma que é fazer comida e a limpeza. *Ela cuida da casa, do marido e dos filhos, os arruma para irem à creche, porque ela é que faz comida, lava roupa, limpa. Gosta de fazer limpeza. É uma pessoa muito boa.* Contudo, Simon também ajuda em tarefas domésticas, como fazer comida e limpar a casa. Uma das tarefas que realiza aos sábados é cortar a grama.

Em alusão ao tipo de comida que Victolene faz, é típica do Haiti. Para caracterizar a especificidade dessa comida, explicou que se assemelha à brasileira, pois tem os mesmos componentes: arroz, feijão, carne e frango. A diferença está nos temperos. Utilizam mais temperos, muita pimenta e alho, tempero verde e caldo *maggi*. Nas práticas culinárias reproduzem elementos da cultura haitiana, que simbolizam um elo com o país natal.

9. A família no Haiti

Do que ganho aqui, mando um pouco para eles sobreviverem

A comunicação com a família agora que mora no Brasil é difícil. Não consegue falar muito com os membros de sua família, entre eles, na vida de Simon, destaca-se seu pai. O relacionamento com o pai, hoje distantes fisicamente, é o mesmo de quando Simon morava no Haiti. *A diferença é que agora tenho a responsabilidade que não tinha antes*, afirma. Ambos mantêm comunicação permanente, a cada duas ou três semanas conversam por telefone. Às vezes, Simon liga para o pai; outras o pai é quem liga.

Outro elemento que reforça a relação entre pai e filho é o dinheiro. Parte do que Simon ganha no Brasil manda ao pai. Para Simon, o pai ainda é muito importante. Sonha em ajudá-lo a vir para o Brasil um dia. Em seu discurso expressa gratidão com o pai e vontade de compensar tudo o que o pai fez por ele: *Ele lutou muito por mim, passou muitas dificuldades e miséria para me ajudar. Agora estou aqui, pensando nele; até porque eu digo que não vou deixar meu pai morrer, sem fazer alguma coisa por ele*. Seu pai não está com problemas de saúde, não tem nenhuma doença grave, mortal. Mas Simon não quer deixar que a vida do pai acabe sem ele ter feito alguma coisa por ele. Deseja crescer para ajudar os pais em todos os sentidos. *Quero colocar eles em algum lugar melhor de onde eles estão agora*. Esse lugar é “espaço de vida”.

Quanto aos irmãos de Simon pelo lado paterno, os dois continuam no Haiti. A irmã não mora mais com o pai porque já constituiu sua própria família, tem filhos e leva uma vida independente. O irmão, atualmente com 21 anos, ainda mora com o pai. O irmão não gosta de estudar, abandonou a escola porque estudava e não dava certo. Atualmente, como no Haiti é bem difícil conseguir emprego, a taxa de desemprego é muito alta, seu irmão não tem trabalho fixo. Ele ajuda o pai na comercialização dos legumes que coletam.

Ao se referir às atividades produtivas do pai no Haiti, além da comercialização de legumes, menciona sua função como homeopata. *Outra atividade que meu pai faz, que no Brasil não tem, é tipo um médico, mas não é um médico profissional, possui conhecimentos*

que podem curar uma doença. Se um osso quebrou, meu pai tem como arrumar, ele é o que a gente chama lá de: Medsen fèy, nome dado à pessoa que utiliza árvores para curar. Simon comenta que seu pai é muito reconhecido em seu ofício em todos os lugares onde ele morou (Arcahaie, Porto Príncipe, Leogane, Pont Sondé). Quanto às práticas religiosas do pai, Simon contou que não pertence a nenhuma igreja: *ele é diferente, é uma pessoa neutra, não tem religião. Se adotar uma religião, seria o vodu pela prática. Ele se apoia nele, utiliza o vodu para curar.*

Quanto à atividade econômica que a mãe desenvolve no Haiti atualmente, Simon disse que ela é comerciante de comida, vende em um restaurante com a ajuda dos filhos que estão em idade de trabalhar. Não é um restaurante como aqui, lá é cada um por si. Ela tem um negócio, faz comida para vender em um lugar que se chama Maché, é como um camelô. Conta que o Maché é um lugar onde qualquer pessoa pode chegar e escolher um espaço para fazer comida, a faz e a vende. No Maché há espaço para comer. Algumas pessoas compram comida nesse local e a consomem ali. Outras a levam para casa. Essa modalidade de comércio de comida é bem expandida.

O relacionamento à distância com a mãe, que mora atualmente em Arcahaie, também é bom. *Não é sempre, mas às vezes a gente se comunica pelo telefone*, disse Simon. E assim como envia dinheiro para o pai, também envia para a mãe e para a sogra. Contudo, gostaria de ajudar sempre, mas tem vezes que não pode. Conta que a mãe precisa de ajuda porque tem muitos filhos, onze com homens diferentes. Com seus irmãos por lado materno, Simon se comunica pouco, conversa com seis deles, os maiores, pelos mais novos pergunta. *Suas idades são 23, 22, 21, 19, 17, 15, 10. O mais novo tem cinco anos.*

Do que ganho aqui mando um pouco para eles sobreviverem. Para suprir as necessidades básicas, alimentação e moradia. Contribui economicamente, na medida do possível. Todos estão com dificuldades, nenhum trabalha. Pensa em trazê-los para o Brasil, mas é caro, cada um precisaria em torno de 3.000 ou 4.000 dólares. Quase todos moram em Arcahaie, só dois que foram morar com seus pais em outros estados. Quatro dos filhos da mãe moram com o pai

do Simon. Apesar de eles não serem seus filhos biológicos, ele os cuida. Ao mesmo tempo, eles o ajudam nas tarefas.

Nenhum dos irmãos, nem por parte de mãe nem por parte de pai, saiu do Haiti. Simon é o único. O parente mais próximo que migrou é seu único tio materno. Faz 37 anos que migrou para os Estados Unidos e trabalha como jardineiro. Sem residência fixa, muda sempre de um estado para outro. O tio tem um filho americano e dois haitianos. Atualmente, todos estão nos Estados Unidos.

Em referência à família no Haiti expressam sentimentos de afeto e gratidão que sentem por tudo o que deixaram quando migraram, mas que lutam por reencontrar.

10. Identidade de haitiano

A gente gosta de ser negro pela história... primeiro povo negro a ganhar a liberdade...

Observa-se no discurso dos imigrantes que os sentimentos de afeto são recorrentes para expressar o vínculo com o país de origem. No caso de Simon, os sentimentos de identidade com seu país de origem se expressam em sua fala ao comparar o Brasil com o Haiti. Para responder em que aspectos ele considera melhor o Haiti do que o Brasil, disse: *para mim o Haiti é o lugar onde eu gostaria de viver para sempre, até porque estou pensando em voltar um dia. Gostaria de ficar quinze anos no Brasil.* Planeja nesses anos concluir a formação universitária, conseguir um emprego melhor, juntar dinheiro e voltar.

A identidade com seu país se reforça ao manifestar orgulho dele pela história de lutas antigas, nas quais venceu em guerras contra adversários poderosos econômica e politicamente, França e Estados Unidos. Simon e vários haitianos que estão no Vale de Taquari destacam o orgulho de pertencer ao Haiti, por ser o primeiro país de população negra que conquistou a liberdade (GRANADA et al., 2015). Para Simon, *a cor não é problema. Para nós, ser negro não é problema. A gente gosta de ser negro pela história, porque como primeiro povo independente a gente ficou contente, mais a história de ser o primeiro povo negro a ganhar a liberdade.*

Simon argumenta que preserva o orgulho de sua origem, gosta de ser negro, mesmo que no Brasil perceba discriminação por causa da cor da pele. Para ele, é preconceito. *Pensam que a gente por ser negro é ignorante, falam mal da cultura. É uma grande diferença por ser estrangeiro.* No discurso perpassa a ideia de que ser negro e ser estrangeiro são duas marcas de identidade que geram estranhamento no âmbito da sociedade de acolhida, no município de Lajeado. Esse fenômeno faz com que em Lajeado as relações sociais com os nativos se diferenciem bastante dos relacionamentos que estabeleciam no Haiti com colegas de escola, da cidade, vizinhos. *A gente só dá oi, cumprimenta, mas é distinto do Haiti. Não se tem bom relacionamento se comparar com o Haiti.*

Distanciam-se social e culturalmente da sociedade brasileira com que convivem. Em compensação, entre os haitianos que moram em Lajeado, há relações de solidariedade. Simon dá como exemplo de suas ações de solidariedade o abrigo a muitos haitianos em sua casa. O fato de serem conterrâneos os une. *Todo mundo é amigo. Um ajuda ao outro.* Entre os imigrantes haitianos não existem diferenças sociais marcadas pelo pertencimento a determinadas regiões do Haiti. Conforme explica Simon, no Haiti há dez departamentos (semelhante a estados brasileiros), *mas é quase tudo igual. Tem um departamento que é diferente que é Cap-Haitien Norte. Ali as pessoas falam de um jeito diferente dos outros departamentos. É crioulo com outro sotaque, outro jeito de falar. Com eles a gente dá risada. Tem alguns imigrantes haitianos desse departamento em Lajeado, mas não interfere nas relações, quase tudo é igual.*

Quanto às vantagens do Brasil sobre o Haiti menciona o emprego. *O que é melhor no Brasil é que tem emprego para todo mundo, e lá a taxa de desemprego é muito alta.* Outra das diferenças que Simon encontra entre os dois países é o acesso à educação. Nesse aspecto, o Brasil oferece mais facilidades. *O estudo no Haiti é caro. Aqui também é caro, mas tem emprego.* No que diz respeito às vantagens do Haiti sobre o Brasil, Simon alude à segurança. *No Haiti o único lugar que tem um pouco de crime é Porto Príncipe. O resto está tudo tranquilo.* Não é como o Brasil. Para ele, o Brasil é mais violento.

A dimensão em que Simon encontra um contraste cultural entre o Haiti e o Brasil é nos padrões de relacionamento dos casais.

No Haiti, disse, *não é proibida a separação, mas é muito difícil acontecer. Outra diferença é que as pessoas aqui se beijam em qualquer lugar, na praça, no trabalho, onde estão. Lá não é assim. A gente acha estranho isso. Para nós, segundo nossa cultura, esses beijos em espaços públicos são falta de respeito. É difícil acostumar com isso. Haitiano não faz isso, mesmo que seja casado. Para nós é mais privado, se faz em casa.*

Igualmente encontra diferença na educação que os pais dão aos filhos, a maneira de colocar regras. Conforme o que ele tem observado, no Haiti os adultos são mais rígidos com as crianças, *para nós é tolerância*. E a permissão que os jovens têm de fumar no Brasil também contrasta com o Haiti. Neste país eles são proibidos de fumar.

Além das manifestações públicas de amor entre os casais no Brasil e as diferenças nas expressões de autoridade nas relações intergeracionais, outro contraste cultural que Simon encontra entre o Haiti e o Brasil é nos hábitos alimentícios. *A comida haitiana tem muito tempero; no Brasil, tem muito churrasco.*

Sobre incorporação de hábitos culturais gaúchos, conta que os haitianos imigrantes em Lajeado não tomam chimarrão. Não conhece nenhum que tome. *Acham uma água quente*. Não serve para nada. Simon é exceção. *Às vezes, eu tomo*. Tem cuia, mas não faz em casa, toma quando oferecem no trabalho ou nas demais reuniões em que participa.

A religião é outra dimensão da vida dos haitianos que os diferencia dos brasileiros. *Lá há duas religiões, o cristianismo e o vodu. Muitos haitianos praticam com frequência o vodu*, disse Simon. No Haiti, o vodu e o cristianismo são religiões oficiais. O vodu se fundamenta na magia. Simon considera que o vodu se aproxima das práticas religiosas brasileiras que utilizam magia.

Enquanto Simon morava com seus pais praticou o vodu com eles, *mas faz muitos anos que não pratico*, salienta. Acrescenta que seu pai ainda segue essa religião. Explica que o vodu se utiliza em dois casos, *um para tratamento e o outro para ter dinheiro*. Quando praticava com o pai, era para curar doenças. *Tem uns elementos que utilizam, mas que não sei como se fala em português, nem tenho interesse em saber. Tem muitos elementos: ervas, olho específico, são muitas coisas*. Perpassa na fala do Simon uma falta de identidade com o vodu,

assunto sobre o qual não avança na conversação. Parece não gostar de se posicionar. Limita-se a dizer que sua religião é outra. No fundo, valoriza o vodu como elemento fundamental da cultura haitiana. Ao mesmo tempo, o nega influenciado pela concepção do senso comum que o qualifica de maléfico (COTINGUIBA, 2014).

11. Igreja

Os cultos são muito importantes para os haitianos evangélicos por nossa fé cristã

A maioria dos haitianos evangélicos que mora em Lajeado e em municípios menores, próximos, frequenta todo final de semana os cultos religiosos na Igreja Cruzada Pentecostal Brasileira, da qual Simon faz parte atualmente. A importância da Cruzada Pentecostal vai ser ritualizada na festa de aniversário da igreja que os haitianos estão organizando no domingo, sete de junho de 2015.

Quando chegou ao Vale de Taquari, Simon pertencia à Igreja Assembleia. Para ele, é a mesma coisa, a diferença é que agora é líder. Essa orientação religiosa não é a mesma de seus pais, eles não são evangélicos. Seu pai *não aceitou ser evangélico*, quando o Simon o convidou, *porque ele acredita no vodu*. Mas para Simon é tranquilo, é um relacionamento pai e filho, cada um tem sua religião.

A identidade religiosa de Simon atualmente foi influenciada pela escola onde estudou no Haiti. Era uma escola religiosa, evangélica. *De manhã, antes de começar a aula, eles falam do evangelho. Eu decidi me converter ao evangelho na escola e continuei indo na igreja*. Na época, 2006, frequentava a Igreja Batista. Para explicar a diferença entre a Igreja Batista e a que frequenta atualmente, Simon argumenta, *para nós lá o nome não importa, seja Batista, Assembleia de Deus, Pentecostal, importa que seja evangélica. A única diferença é com a Adventista e a Testemunha de Jeová. Na Adventista porque o culto tem que ser no sábado, o resto é a mesma coisa. E na Testemunha de Jeová não acreditam na trindade, isto é, Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo. Consideram Jesus um profeta*.

Como Simon, a maior parte dos haitianos, que mora no Vale do Taquari, manifesta identidade religiosa com as igrejas pentecostais da região. Contudo, apontam diferenças nas formas de

atuação, entre elas a cobrança do dízimo, que nas igrejas evangélicas do Haiti não é obrigatória. Por causa disso, alguns haitianos não frequentam as igrejas que cobram dízimo. Simon salienta que uma das diferenças entre o Haiti e o Brasil nas práticas religiosas evangélicas é que no Brasil há pastores, no Haiti líderes. *Os líderes não são pastores. Líder é quando a pessoa fala, prega, acreditamos que tem o espírito de Deus.*

Seguindo a cultura religiosa haitiana, na Igreja Cruzada Pentecostal em Lajeado, os haitianos criaram um comitê encarregado de liderar a igreja, organizar os horários, fazer cultos aos sábados e domingos de manhã. Na igreja, Simon é o vice-coordenador e Abdias é o coordenador. As atividades que desenvolvem no espaço religioso são de âmbito social, e investem na infraestrutura da igreja. *Compramos bateria, microfone, mesa de som,* disse Abdias. Eles desenvolvem vários projetos, um deles destinado à juventude.

A igreja é da Pastora Nair. *A gente trabalha sob a cobertura dela, mas a gente faz o culto.* A pastora tem duas igrejas, frequenta mais a outra, *mas ela vem, faz o culto, prega também, e a gente traduz quando tem brasileiros.* Simon e Abdias traduzem. Quando não é Simon é Abdias que realiza essa tarefa. Acerca de sua função, Simon comenta: *eu faço estudo dominical. Eu prego e dirijo o culto.*

Os cultos são muito importantes para os haitianos evangélicos por nossa fé cristã, afirma Simon. Neles oram, pregam e cantam. Além dos cultos religiosos, realizam encontros sociais nos quais partilham problemas e, na medida do possível, realizam ações de solidariedade. A igreja une os haitianos. Quase todos participam. Os que não a frequentam é porque não são crentes. As marcas da cultura haitiana se refletem nas práticas religiosas. As orações e os cantos são em crioulo e o ritmo musical dos cantos evangélicos é o *compas*, característico da cultura haitiana. Com base nas teorias de Durkheim acerca da religião, observa-se que, nesses eventos religiosos, os haitianos recriam a vida coletiva. Ao promover ritos reforçam as crenças que, em última instância, são a própria alma da vida coletiva.

Também comenta Simon que o fluxo de haitianos na região é contínuo, chegam e se vão a todo o momento. Por causa disso, o número exato desse contingente migratório no Vale de Taquari é

aproximado. Calcula que há *em torno de 600*. Destes, 160 frequentam a igreja.

Na igreja, no mês de março de 2015, *formou-se um grupo de aproximadamente 50 jovens solteiros que se reúnem aos domingos de tarde durante duas horas e compartilham o conhecimento social*. Esse conhecimento é sobre *como tem que viver no Brasil, as leis brasileiras. Se faz para um aprender com o outro. A gente faz isso para um ajudar o outro. Sempre tem um principal*, argumenta Simon. Também fazem atividades culturais como dança, poesia, cantos haitianos. Quem conduz a reunião são os jovens, mas *todo mundo participa*, afirma. São três grupos, alterna-se a responsabilidade. A cada domingo dois se encarregam de comandar as atividades, um grupo da parte religiosa e o outro da cultural. Nos encontros fazem brincadeiras. Para Simon, *as reuniões têm um aspecto social e cultural*.

A religiosidade para Simon é mais valorizada do que o culto aos símbolos nacionais haitianos, como a Festa da Bandeira, celebrada amplamente por imigrantes haitianos no município vizinho, Encantado, em 2014 e em 2015. A vivência religiosa é intensa nas relações sociais que Simon estabelece com seus conterrâneos mais próximos em Lajeado.

No momento das conversas com Simon, disse que muitos dos que frequentam a igreja estão procurando emprego em empresas de alimentos, as quais contratam principalmente homens. As mulheres encontram mais dificuldade. O campo de trabalho para homens é menos restrito porque inclui empresas de construção civil. Empreendimento próprio é muito difícil para os haitianos. Só há registro do caso de um deles que montou um Call Center. Simon afirmou que em torno de 45 haitianos estão sem trabalho.

12. Emprego

Trabalho é liberdade

A primeira experiência de trabalho no Brasil começou em Manaus. Uma vez com o CPF em mãos, foi ao bairro São Geraldo onde moravam vários haitianos. Encontrou um grupo de haitianos reunidos e, entre eles, um brasileiro. O brasileiro falava e os haitianos não o entendiam. Perante essa situação, Simon decide

intervir falando em inglês com o brasileiro. Este último simpatiza com Simon e lhe oferece um emprego de caseiro, no qual começou no mesmo dia em que se conheceram. Simon lembra que nesse dia estava muito cansado, passou seis dias na casa do brasileiro e depois foi para sua propriedade que ficava a 45 quilômetros de Manaus, um lugar para passar os finais de semana.

Nessa propriedade, Simon permanecia sozinho. Para se comunicar com a família no Haiti comprava cartão telefônico e ligava por telefone celular. Uma vez por mês ia à cidade, falava com a família e lhe mandava dinheiro. Sua atividade de caseiro consistia em cuidar dos bichos, dos bois, patos, galinhas, papagaios, cachorros. *Havia muitos bichos*, observou Simon. Também era encarregado da limpeza do pátio e da piscina. Sua ideia não era ficar nessa atividade, queria dar continuidade aos estudos no Brasil. Decidiu ficar uns meses porque não entendia português. Queria aproveitar o ostracismo em que se encontrava para aprender a língua portuguesa. Nesse projeto, o dono do sítio contribuiu dando-lhe dois dicionários, um de português-inglês e outro português-francês. Com os dicionários e assistindo televisão, Simon disse ter aprendido sozinho o português. Lembra que, na época, achou algumas palavras do português similares ao francês e outras ao inglês.

Transcorridos seis meses no sítio, Simon pediu demissão porque queria estudar. Saiu de lá em agosto, ficou uns dias em Manaus buscando emprego e não conseguiu. Enquanto estava à procura de emprego, empresários de uma fábrica de Estrela, no Rio Grande do Sul, foram buscar pessoas para trabalhar e trouxeram doze haitianos, dos quais hoje, dois anos e meio depois, não ficou ninguém na empresa, incluindo Simon.

O trajeto Manaus-Porto Alegre foi realizado de avião. Dali foi para Bom Retiro do Sul, aonde chegou no dia 12 de agosto de 2012. Na convivência inicial com a sociedade gaúcha, Simon encontrou muitas diferenças culturais, principalmente na culinária. Estranhou também a temperatura, chegou no inverno, quando as temperaturas na região caem bastante. *Senti muito frio*, contou.

Na fábrica de Estrela, Simon trabalhou seis meses e o demitiram. O motivo da demissão foi porque inicialmente ele

operava uma das máquinas que dá forma aos ferros, a máquina de tornar ferro. A empresa demitiu um funcionário que operava outra máquina e colocou Simon para fazer o trabalho. Simon passou a ter que manejar duas máquinas e *não pagavam muito bem. O salário era de 791 reais*, disse. Diante da situação pediu aumento, pois considerava que trabalhava muito. Como lhe negaram o aumento, informou que não iria trabalhar mais nas máquinas de amarrar ferro e deixou as máquinas paradas. *Só faço serviço geral, que é o que está no contrato*, respondeu aos chefes da fábrica. Contudo, apesar das desavenças, considera que aprendeu muito exercendo a função de amarrar vigas e cortar ferros. De Bom Retiro do Sul, onde morava enquanto trabalhou em Estrela, mudou-se para Lajeado, porque conhecia uns haitianos que moraram em Bom Retiro e foram para Lajeado.

Em Lajeado começou a trabalhar em uma indústria de alimentos em 19 de fevereiro de 2013. No início, trabalhou na plataforma da indústria pendurando os frangos vivos que passam para o setor onde são mortos. Ao discorrer acerca de sua percepção sobre o trabalho que desempenhava, Simon cita um ditado popular de seu país: *trabalho é liberdade*. Ele não tinha muito problema em trabalhar, mas sempre pensava que um dia iria sair. Passou dois meses na pendura. Salienta que essa atividade repetitiva causa dor nos braços, porque os frangos vivos batem nas mãos do operário. Pediu aos chefes transferência de setor, e não aceitaram. Então solicitou demissão, e também lhe negaram.

Negaram-lhe a demissão porque prestava serviços de tradutor em uma época na qual na indústria havia muitos estrangeiros trabalhando e não falavam português. *Eles não queriam que eu sáísse porque estavam chegando estrangeiros de Bangladesh, do Haiti e da Índia e eu ajudava na tradução*, argumenta. Transferiram-no para a câmara fria. Sua função era colocar frangos em caixas e despachá-los aos distribuidores comerciais.

O vínculo de trabalho de Simon com essa indústria se rompeu em decorrência de um desentendimento com um colega no ambiente de trabalho. Conta que, enquanto ele trabalhava, alguns brasileiros não queriam trabalhar. Em uma ocasião, *um brasileiro me forçou a que pegasse as caixas dele e eu não as peguei. Ficou bravo e começou a me incomodar, a me xingar*. Um dia, no intervalo,

enquanto Simon descansava, um funcionário jogou um pedaço de gelo em seu rosto. Depois o *cara* que o incomodava *bateu no meu pé*, disse. Simon deu queixa ao chefe e este não tomou nenhuma providência. Inconformado com o fato, Simon foi na delegacia da polícia civil para fazer denúncia. O delegado entrou em contato com a indústria para pedir esclarecimento. Após o incidente, em 24 de outubro de 2013, demitiram-no, assim como também demitiram o outro funcionário envolvido na briga. Saiu e conseguiu seguro desemprego. Enquanto usufruía desse beneficiava, ajudava os estrangeiros na tradução e no encaminhamento de documentos. Depois do término do seguro desemprego, passou dois meses sem trabalhar, até que o contrataram no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Lajeado, onde ficou conhecido em decorrência do papel de mediador que desempenhou durante um acidente ambiental (enchente), no qual migrantes foram vítimas.

13. Apoio ao imigrante

Meu trabalho aqui é muito

Na enchente que houve em Lajeado em setembro de 2013, a prefeitura municipal, por meio da defesa civil, abrigou migrantes haitianos, indianos e de Bangladeshi no pátio do Parque do Imigrante. Em uma das reuniões entre a prefeitura e as vítimas da enchente, alguém nomeia Simon como a pessoa que ajuda os estrangeiros. A Secretária de Assistência Social do município o convida para conversarem na sede do CRAS. Nessa oportunidade, perguntam-lhe o que o governo de Lajeado podia fazer para ajudar os estrangeiros. Simon apresenta um diagnóstico da situação. Depois da conversa, a Secretária de Assistência Social do município buscou o apoio do prefeito, que foi favorável à contratação de Simon no CRAS, de maneira que pudesse seguir prestando auxílio aos imigrantes.

Em 9 de abril de 2014, Simon começa a trabalhar no CRAS da Prefeitura Municipal de Lajeado. *Tenho muito trabalho aqui*, considera Simon. Ajuda na documentação, na renovação de passaporte e do visto, no agendamento na Polícia Federal, na tradução de documentos, encaminha para um tradutor juramentado que

conhece em Porto Alegre. Acompanha os estrangeiros no banco, no posto de Saúde e em demais lugares nos quais precisam de algum serviço e não sabem se comunicar por desconhecimento da língua. Também é responsável por agendar a solicitação do cadastro único (CPF). Quando chegou ao Brasil, especificamente ao Vale de Taquari, dedicou-se a estudar quais eram os benefícios sociais a que eles teriam direito de receber e quais os trâmites para adquiri-los. Auxilia não apenas os haitianos, mas os imigrantes de Bangladesh, Senegal e Ghana.

Presta assistência aos haitianos e demais estrangeiros que o procuram no CRAS para conseguir a documentação necessária nos contratos de trabalho. Como Simon já é bem conhecido na região, empresários de Lajeado e de outras cidades ligam para ele quando precisam de alguém para trabalhar. Desempenha o papel de mediador entre empresários e imigrantes. Em algumas ocasiões, o contato de Simon com os empresários é direto. Em outras, é por meio do Sistema Nacional de Emprego (SINE), que faz o processo de seleção. Simon, às vezes, procura o SINE para saber que empresas precisam de pessoal. *Eu vou lá e vejo o que tem, e peço para encaminhar para eles.*

Na indústria de alimentos, na qual a maior parte dos haitianos trabalha, para facilitar, Simon serve de tradutor. Acompanha os haitianos quando a indústria os contrata para transmitir informações acerca de pagamento, de horário, e os auxilia no preenchimento da ficha de emprego.

Quando têm problemas de trabalho, eu ajudo, os oriento a procurar um advogado, porque há empresas que demitem e não pagam. Eles me procuram e eu procuro um advogado para eles. Às vezes, eu vou junto ao Fórum, disse Simon. Sabe de uns sete imigrantes que entraram com processo, entre os quais ajuda dois.

Seu trabalho no CRAS não se restringe ao município de Lajeado, pois acaba atendendo imigrantes de municípios próximos. Encontra pouco os haitianos de Encantado, cidade que fica a 30 quilômetros de distância de seu local de trabalho e concentra um grande contingente de haitianos, há em torno de 400. Simon pretende tirar carteira de motorista e ir visitá-los para auxiliá-los, expressa grande prazer em ajudar seus conterrâneos.

Sobre seus conterrâneos, alguns dos que vão visitar seus parentes no Haiti voltam e outros não. *Quem vai é porque é solteiro e poupa para isso, o gasto é muito.* Simon pensa em ir em dezembro sozinho, dá uns 1.500 dólares. Precisa comprar passagem e ter um pouco de dinheiro para a estadia.

14. Ações de liderança

Eu era sempre assim: vontade de ajudar

A posição de líder religioso e social que Simon assume em diversos espaços sociais, percorridos ao longo dos quatro anos na condição de imigrante haitiano no Brasil, já a ocupava em seu país natal. Conforme a narrativa de sua vida, no Haiti sempre gostou de participar de organizações. Fundou, junto com uns amigos, vizinhos do bairro Barrière Poy (em Arcahaie) onde ele morava, uma Organização chamada Gibi. No segundo ano de existência Simon foi presidente dessa organização. *No primeiro ano, o presidente não fui eu, foi outro cara e eu participava,* contou.

Criaram a Gibi para ajudar outras pessoas na aprendizagem de informática. A organização tinha professores com conhecimento em informática e oferecia cursos gratuitos para as pessoas, em uma época, de 2008 a 2009, em que os cursos de informática eram caros e havia muita gente querendo aprender. Simon permaneceu nessa organização por dois anos e nela obteve os conhecimentos de informática que possui atualmente.

Assim como gostava de transmitir conhecimentos de informática às pessoas, gostava de ensinar o inglês no Haiti. Sempre incentivou os haitianos, que moravam na cidade onde ele estava, a aprender inglês e dava aulas grátis. Para isso, conseguiu uma sala emprestada na escola onde estudava. Como sabia falar e conhecia as normas de gramática foi professor de inglês nessa escola durante seis meses. Muitos de seus alunos de inglês da época agora estão morando nos Estados Unidos, com quem ele tem contato.

O inglês Simon aprendeu sozinho. Quando estava no 5º ano do ensino fundamental, na escola onde estudava não havia inglês no currículo, *só tinha inglês nas escolas caras,* comenta. Isso o frustrava, porque sua vontade de saber inglês era enorme. A

principal motivação para aprender inglês era poder se comunicar com o primo que morava nos Estados Unidos. *Eu tenho um primo nos Estados Unidos, no estado de Luisiana. A primeira vez que ele foi ao Haiti eu não sabia nada de inglês. Nós passeávamos. A gente falava por gestos, porque ele também não sabia falar em crioulo. Eu estava no 6º ano do ensino fundamental, em 2006, e não conseguia falar com ele. Fiquei um pouco triste.* Conta que o primo também chorava porque não conseguia se comunicar. Como o primo sempre ia e voltava entre o Haiti e os Estados Unidos, Simon disse ao tio, o pai do primo, que prometia que da próxima vez que o primo fosse ao Haiti iria conseguir falar com ele.

Simon fez essa promessa e não pode começar logo o curso. No 6º ano teve aulas de inglês, porém não conseguiu aprender muito. Já no 7º ano de ensino fundamental estudou inglês e obteve o primeiro lugar na turma. Foi o único da sala que conseguiu falar na língua inglesa. *O professor ficou muito contente, disse Simon. Quando expressou seu desejo de aprender inglês, o professor se dispôs a ajudá-lo. Eu fui aprendendo sozinho, só que, quando encontrava com ele, pedia-lhe para me corrigir. Fazia atividades em casa, escrevia na casa dele,* conta Simon.

Com seus conhecimentos de inglês, após seis meses de estudo da língua, Simon desempenhou o papel de tradutor. Isso aconteceu quando chegou um grupo americano na escola em que ele estudava e ninguém conseguia entender o que os americanos falavam. *Eu tive coragem e disse: eu vou traduzir.* Serviu de tradutor na ocasião. Os americanos o elogiaram. *Você fala muito bem inglês,* afirmaram. Simon considera que era só um estímulo deles pelo esforço feito para aprender.

O conhecimento da língua inglesa lhe foi útil na primeira cidade em que esteve no Brasil, Tabatinga. Estando ali, no dia em que se encontravam reunidos os haitianos na igreja para lembrar o terremoto do dia 12 de janeiro de 2010, uns jornalistas colombianos chegaram perguntando quem falava inglês, pois queriam entrevistá-los, e Simon respondeu que ele. Entrevistaram-no durante dez minutos em inglês. Queriam saber como eles viviam em Tabatinga e por que estavam morando ali.

Simon se define como uma pessoa que sempre gostou de ajudar e, portanto, saiu do Haiti com essa vontade. Enquanto estava em Tabatinga, fronteira Brasil-Colômbia, ainda sem o protocolo necessário para ingressar no Brasil, ao perceber as dificuldades dos haitianos imigrantes pensou: *no Brasil a gente vai ter que se organizar*. Desde esse momento começou a incentivar os haitianos a se mobilizarem. Quando todos conseguiram o protocolo que lhes permitia se deslocar pelo Brasil, considerando que cada um iria para um lugar diferente, Simon lhes dizia, *mesmo que a gente fique em estados diferentes, distantes uns dos outros, dispersos, vamos continuar esse movimento de nos organizar para melhorar a condição de vida*. Sabia que já existia uma organização de ajuda aos haitianos, porém, para ele, são muitos os haitianos no Brasil e é difícil que uma única associação existente consiga beneficiar todos. Sua proposta era criar outra organização, só que não conseguiram consolidá-la. Seis meses depois, quando morava em Bom Retiro, no Rio Grande do Sul, também estimulou os haitianos a se mobilizarem para lutar por melhorar a vida.

Uma situação em que a liderança de Simon se revelou em âmbito nacional foi quando a Prefeitura Municipal de Lajeado o enviou como representante dos haitianos do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, à Conferência Nacional de Migrações e Refúgio (Comigrar). Além de Simon, no evento havia três migrantes haitianos do Rio Grande do Sul, de Caxias. A Comigrar, realizada de 30 de maio a 1º de junho de 2014, em São Paulo (SP), foi promovida pelo Ministério da Justiça, Ministério do Trabalho e Ministério das Relações Exteriores com o objetivo de subsidiar a construção da Política Nacional sobre Migrações e Refúgio pautada nos direitos humanos (UNODC, 2014).

Conta Simon que, no evento, *foram muitas propostas*. Menciona a agilização nos trâmites na elaboração da documentação. *Comentei a respeito dos documentos que a gente precisava, da agilização dos serviços para retirar os documentos, porque para poder ficar tranquilo em um país, a gente precisa de documentos legais*.

Outra reivindicação feita por Simon em São Paulo é a melhoria nas condições de acesso à moradia, porque *as empresas alugam casa e colocam de 10 a 15 haitianos para morar, só uma cozinha,*

uma sala, uma TV. Nesse estilo de vida carecem de liberdade. Por isso a gente não quer ficar em uma casa que a empresa aluga. E as pensões são muito precárias. Tem uma pensão aqui que sempre tomo como exemplo, tem cerca de 40 haitianos que moram lá e só um banheiro. Portanto, disse Simon, preferem alugar casa, mas é difícil, precisam de fiador e não conseguem como imigrantes.

As escolas de língua portuguesa foi outra das demandas dos imigrantes. Segundo Simon, na conferência falaram *sobre a questão da comunicação oral, que precisamos falar o português, porque a falta de comunicação dificulta o atendimento ao público.*

Outro assunto que ele apresentou na Comigrar foram os problemas enfrentados para entrar *no mercado de trabalho convencional.* A demora em obter a carteira do trabalho leva mais de um mês. Tem que encaminhar a documentação na Polícia Federal mediante agendamento pela internet. *Isso é lamentável porque quase todos os haitianos que saíram de lá chegam aqui sem nada de dinheiro, e imagina,* comenta Simon. Igualmente salientou a necessidade do apoio das empresas, *porque, no trabalho, as empresas não dão apoio para nós.* Obstaculizam a possibilidade de que os haitianos que têm capacitação profissional consigam um emprego profissional.

Entre as dificuldades que os imigrantes enfrentam, citou a comunicação com a família. *Temos que ficar ligados com a família, manter contato, e é muito difícil fazer uma ligação. A gente sofre muito por isso.*

15. Mediador de conflitos

Quando têm problemas entre eles, eu tento apaziguar

Segundo seus cálculos, *são em torno de 600 haitianos em Lajeado e municípios vizinhos.* Simon não sabe a quantidade exata porque o fluxo é permanente, sempre há uns chegando e outros saindo. Entre eles, os conflitos são frequentes. Ao se referir aos haitianos como protagonistas frequentes de conflitos, Simon não se inclui. Disse, *entre eles (outros haitianos) sempre tem algum problema, mas a gente resolve... Quando têm problema entre eles, eu tento apaziguar.* De acordo com sua fala, ele não tem problemas, apenas ajuda a resolvê-los quando acontecem. É mediador em diversas situações

de conflito. *Às vezes, é fofoca que gera muitos problemas. Por exemplo, uma mulher falando mal da outra – para mim é bobagem. Também têm os que gostam da mulher dos outros; homens que pegam outra mulher.*

Sobre um episódio em que Simon serviu de mediador de conflitos, buscando apaziguar uma briga entre duas mulheres haitianas, fui informada pela Secretária de Assistência Social do município, em que Simon teria sido machucado enquanto conversava com duas mulheres. No relato de Simon, ele soube da briga entre as duas mulheres haitiana e as chamou para conversar com o objetivo de resolver o conflito. A briga foi porque *uma delas disse que a outra era feia. Ela disse você é mais feia que eu, e começaram a dizer palavras. Enquanto conversava com elas, uma ficou brava, não queria parar, pegou uma cadeira para bater na outra. Aqui dentro não deixei brigar, tentei acalmar, ela não queria.* Nesse momento foi que Simon acabou machucado. Porém, *foi pouca coisa. Tinha outro haitiano que me ajudou a colocá-la para fora. Fiquei dentro da sala acalmando a outra e ouvi uma briga fora. Quando saí, ela estava brigando com outra haitiana que estava chegando. Tive que chamar a brigada porque ela não queria se acalmar.*

Simon também intervém nos casos em que há desentendimentos entre os haitianos que moram juntos, partilham a mesma casa: *um quer gastar e o outro não quer.* Nessas ocasiões *sempre me chamam para me contar. Eu falo que não podem ter brigas, pois correm o risco de ser presos. Outro problema ocorre quando um empresta dinheiro a outro e este não paga.* Ao responder quais são as formas de agressão nos confrontos, Simon disse que às vezes batem, mas não vão muito longe. Não brigam com brasileiros. *Se alguém (brasileiro) quer se aproveitar deles, falam forte, não brigam.* Na fala perpassa que briga é uma categoria que, para ele, denota agressão física.

16. Mobilizações

Sempre incentivei os haitianos

Simon tem se mobilizado na realização de ações destinadas a melhorar a qualidade de vida dos haitianos na região. Uma das iniciativas foi a criação de uma associação de imigrantes haitianos no estado do Grande do Sul, em 2013, embora soubesse da existência

de outra associação de imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul. Essa atuação evidencia sua preferência em desempenhar o papel de protagonista da gestão, revelada também quando promoveu a associação de imigrantes em Tabatinga, recém-chegado ao Brasil, ainda que tivesse conhecimento que já havia outra.

Sobre a criação da associação em Lajeado, o melhor amigo de Simon, Abdias, que se considera uma pessoa muito reservada, veio contratado por uma rede de supermercados, na qual trabalha desde que chegou a Lajeado, há dois anos. Ele e outros três haitianos são os únicos dos 24 que a rede de supermercados trouxe para Lajeado que permanecem nela. Alguns saíram e outros foram demitidos.

Acerca da proposta de Simon de criar uma associação, Abdias conta que estava em sua casa, na rua Sete de Setembro, no centro de Lajeado, onde ele e outros oito haitianos moravam, quando recebeu a visita do Simon. A partir do momento em que se conheceram, construíram uma sólida amizade.

Simon chegou à casa de Abdias e seus conterrâneos para divulgar a ideia de criar uma associação de haitianos em Lajeado. Ele buscava apoio. Na narrativa do evento, Abdias disse que no primeiro momento ele ficou calado, limitou-se a escutar a proposta do Simon. Seus colegas de moradia comentaram que Abdias era o líder do grupo, por isso para Simon era importante sua contribuição.

A liderança de Abdias entre os haitianos imigrantes, como ele mesmo conta, começou quando estava no Acre e continua em Lajeado, aonde ele chegou graças à indicação de uma socióloga brasileira que estudava na Holanda e foi fazer trabalho de teses acerca da imigração de haitianos no estado do Acre na época em que Abdias estava lá. Essa socióloga o conheceu e quis ajudá-lo a sair do Acre, considerava que ele devia estar em lugar melhor. E indicou Abdias como candidato para trabalhar em uma empresa de supermercados de Lajeado, em uma ocasião em que os gestores foram ao Acre em busca de mão de obra estrangeira. Na fala, ela soube que Abdias sabia falar inglês, francês e espanhol. Esses conhecimentos foram considerados pelos empresários de Lajeado quando da seleção dos haitianos. *Eram muitos querendo a vaga e havia outros inscritos na minha frente*, conta Abdias.

A posição de líder é expressa por Abdias diante do Simon e dos outros haitianos que estavam em sua casa pelo poder do silêncio. Coloca-se como se, para se posicionar, precisasse de uma avaliação prévia. Abdias limita-se a escutar, não se pronuncia, até que um dos que dividia a casa com ele, ao ouvir o projeto do Simon, estimula a participação de Abdias. O colega disse a Simon que Abdias podia contribuir porque era professor de línguas, *fala português e outras línguas*. Simon chamou Abdias para conversar e começaram a falar em inglês. Ambos ficaram testando um ao outro para ver se era verdade que sabiam inglês. Abdias percebeu que não só Simon sabia falar essa língua como também *tinha ideias iluministas*, disse.

Concordando com a proposta de Simon, no dia 9 de junho de 2013, reuniu-se um grupo de haitianos para fundar a *Associação dos Imigrantes Haitianos no Rio Grande do Sul* (ASSIMHARS), nome escolhido depois de muitos debates entre os participantes. Após a escolha do nome, fizeram votação para a eleição da Diretoria e do Conselho Fiscal da Associação. Nela convidaram para participar os haitianos que moram em Arroio de Meio e Estrela. A sede seria em Lajeado, na rua Pedro Kolling, 348, bairro Moinhos. Na eleição houve uma única chapa, eleita por unanimidade pelos presentes, a Diretoria ficou constituída por: Presidente Renel Simon; Vice-presidente Benoit Rabin Enock; 1º Secretário Abdias Geffrand; 2º Secretária Solene Hilaire, 1º Tesoureiro Junior Annylusse, 2º Tesoureiro Thanis Ludnel e para o Conselho Fiscal: Renald Joseph e Holly Cherilus, para suplentes: Wilvens Pierrot e Durano Desir. Desses membros, Simon disse que a única que não está mais em Lajeado, dois anos depois, é a Solene.

A Diretoria da ASSIMHARS elaborou o estatuto e a Prefeitura Municipal de Lajeado o corrigiu. No Artigo 2º do estatuto da Associação apresenta sua finalidade em cinco tópicos: A primeira é melhorar as condições de vida dos imigrantes que vivem no estado do Rio Grande do Sul. A segunda finalidade é manter e incentivar a solidariedade entre os imigrantes no estado do RS. Simon justifica a relevância dessa finalidade e a maneira como pode ser atingida. *A gente tem uma cultura diferente, mas cada um está em algum lugar, e pela associação se constituiria uma rede onde todo mundo pode acessar, entrar em contato uns com os outros, e tentar um programa em diferentes*

idades. Convidá-los para participar, algo cultural: danças, cantos, clubes para compartilhar conhecimentos.

A terceira finalidade: servir de auxílio nas moradias. *No Rio Grande do Sul, para alugar casa precisa de fiador, arrumar alguém para assinar como avalista. Nesse caso, a associação serviria de fiadora, de avalista dos haitianos quando precisassem fazer um contrato de aluguel.* Para Simon, essa função da associação viria a resolver o problema atual de moradia: *os haitianos moram em casas e apartamentos em situação precária, porque por imobiliárias é difícil alugar um lugar bom onde morar.* Conta que apenas dois ou três haitianos que trabalhavam em uma indústria de construção de renome no Vale de Taquari conseguiram que esta lhes servisse de fiadora.

A quarta finalidade: dar oportunidade aos imigrantes de realizarem o desenvolvimento intelectual, social e físico. Acerca dessa finalidade, Simon argumenta que o desenvolvimento intelectual refere-se ao estudo, *pois muitos querem ingressar na faculdade e em escolas públicas.* A associação tentará abrir portas que estão fechadas. Quanto ao desenvolvimento social, conforme seu discurso, consiste em buscar formas de socialização dos haitianos, a incorporação na sociedade brasileira. *Quer dizer, nas questões culturais, para se juntar com os brasileiros para viver bem socialmente.* Quanto ao desenvolvimento físico alude à procura de espaços físicos, *precisamos de lugares de lazer, de esportes e de festa,* disse Simon. Nesse item, Simon salienta a carência de atividades femininas. Com a associação procuram lhes ajudar, pois, *para as mulheres não tem atividade.* A quinta e última finalidade do estatuto da ASSIMHARS é prestar assistência a qualquer imigrante no país à medida do possível.

Desde o início do projeto de criar a associação, Simon e Abdias estão sempre juntos, participam das mesmas reuniões, fato facilitado pela compatibilidade de horários de trabalho. Ambos têm jornadas de trabalho semelhantes. Por isso estão mais presentes que os outros membros. Referindo-se ao contexto no qual se organizaram para criar a associação, há dois anos, Abdias disse que eles eram *os dois mais ativistas, os mais interessados, porque os outros eram bem pessimistas. (Eles) diziam que aqui na região tem bastante racista. Essa associação não vai prevalecer, não vai dar fruto.* Já,

para Abdias, ele e o Simon *são bem confiantes*. E quando os outros haitianos manifestavam colocações negativas em relação à criação da associação, Abdias tentava animá-los dizendo que, *por seu conhecimento da história da humanidade, muitas pessoas que atuaram em lutas conseguiram vencer*.

Conforme a análise de Abdias acerca das lutas, o importante não é o número de participantes, a quantidade dos envolvidos em sua luta, mas a quantidade de ideias que os mobilizam. Em concordância com sua postura, propõe excluir pessoas e juntar ideias. Disse ao Simon, *somos os únicos que podemos fornecer ideias, então vamos juntar para avançar com essa ideia, enquanto os outros desistiram*.

Um dos motivos que os levou a desistir do projeto da associação foi o excesso de burocracia. Para legalizá-la, precisavam obter o CNPJ. Mas como muitos dos membros da associação criada não tinham o RNE, o cartório inviabilizou o CNPJ, o que impossibilitou sua atuação. O RNE era requisito para a fundação da associação. *Ainda existe a ideia, faltam recursos humanos, mas nós ficamos*, comenta Abdias. Faz tempo que não se reúnem, contudo vão voltar, porque já há alguns com RNE.

Essa compatibilidade de interesses e ideias entre Simon e Abdias tem feito, segundo Abdias, que eles reforcem o laço de amizade a cada dia. Juntos participam da organização social entre imigrantes haitianos e da igreja.

Outra frente de luta do Simon pelos imigrantes haitianos é a educação. Insatisfeito com o fato de os haitianos não poderem se inscrever no Programa de Financiamento Estudantil (Fies), Simon conversou com o procurador do município de Lajeado, e este lhe disse que por lei nada impede que os estrangeiros tenham acesso ao Fies. O procurador solicitou esclarecimentos ao Centro Universitário UNIVATES acerca da possibilidade de os imigrantes utilizarem o Fies. Em resposta à solicitação, a instituição declarou que podiam se inscrever nesse programa. Devem cumprir os mesmos requisitos que existem para os brasileiros. Por causa disso, como Simon quer utilizar os recursos do Fies, pretende fazer de novo a prova do Enem.

Com o objetivo de ampliar as possibilidades de formação escolar da comunidade imigrante haitiana, Simon decidiu promover uma reunião com os interessados em *lutar pelo direito à educação para os estrangeiros*, a primeira. Considera que será necessária mais de uma reunião. A finalidade é incentivar os haitianos, que moram em Lajeado e em municípios vizinhos, a estudar. Sabe que todos querem estudar, *só que cada um fica em seu mundo individual, não se insere em uma ação coletiva*. Por isso, considera importante *reuni-los para lutar por um objetivo comum*.

Para a reunião, além dos haitianos, Simon convida representantes do governo e da universidade local, o Centro Universitário UNIVATES. Não quer a presença de jornalistas. Para ele, *irão atrapalhar*. Elabora um convite que distribui entre os haitianos, 20 dias antes do encontro. Vai à indústria de alimentos, que concentra grande parte da população haitiana que mora no Vale de Taquari, à igreja que a maior parte da comunidade de imigrantes haitianos frequenta, em diversos lugares. O convite, escrito por ele em crioulo, o traduz em uma de nossas conversas nos seguintes termos:

Grande mobilização para sentar e falar sobre a questão da dificuldade que estamos encontrando para estudar e trabalhar profissionalmente. Os haitianos que vivem na região do Vale de Taquari, em nome de Deus que tem todo o poder. Estamos avisando todos os haitianos que sábado, dia 11 de abril de 2015, a partir das duas da tarde, vamos ter uma grande reunião na igreja dos haitianos, que fica na rua Carlos Sphor Filho, logo depois da Minuano, no bairro Moinhos. O objetivo da reunião é conversar sobre os haitianos que querem estudar e não podem e os que têm profissões e não estão conseguindo trabalho como profissional. Nesse sentido, nós convidamos todos os haitianos para se juntarem na busca de uma solução coletiva para todos, porque o Haiti e o Brasil têm uma relação diplomática em que o governo brasileiro fornece um visto humanitário para todos os haitianos que estão vindo para o Brasil. Esse visto permite trabalhar e estudar no país, só que estamos vendo que só podemos trabalhar como servente, como auxiliar de produção, mas nós temos muito conhecimento e queremos estudar também. Então, vamos buscar uma solução para ver se isso pode melhorar na questão da educação básica, profissional e universitária. Estamos nos organizando para as coisas melhorarem. Esperamos todo mundo no sábado, e vamos compartilhar. Desde já agradecemos sua participação. Convidados especiais a Secretaria Geral de Assistência e o Grupo de Professores de Direitos Humanos da Univates.



Simon no encontro para promover o direito à educação dos haitianos. Acervo: Renel Simon.

No encontro dispõe-se a recolher os dados dos haitianos acerca do grau de escolaridade. Procura saber quantos têm ensino médio completo, quantos têm cursos profissionalizantes, e quantos cursos de graduação. *São muitos os haitianos profissionais e não têm como entrar no mercado de trabalho. Pedirá aos haitianos, presentes na reunião, que legalizem os documentos que certificam seus estudos. Para isso devem enviá-los a um tradutor juramentado em Porto Alegre.*

Seu projeto, com base em um levantamento de dados sobre o grau de escolaridade dos haitianos, é criar um comitê destinado a desenvolver ações lhes permitam dar continuidade à educação. E, aos que têm cursos, ajudar para que sejam reconhecidos como profissionais. *Motivo é que em Lajeado têm muitos estrangeiros, muitas nacionalidades. A maioria é jovem entre 18 e 28 anos. Baseado nesses dados, Simon pretende começar a luta por educação. Sabe que não é fácil. Procura ver como o governo e as universidades poderiam colaborar com os projetos educativos dos haitianos. Verificar a possibilidade de elaborar programas e de disponibilizar créditos*

que facilitem o estudo. *Para o governo ver que nós precisamos trabalhar e nós precisamos estudar, temos vontade de estudar*, disse.

Participaram da reunião 45 haitianos e 32 estudantes do curso de Direito do Centro Universitário UNIVATES. Estiveram presentes a Secretária de Assistência Social, duas coordenadoras do CRAS de Lajeado e dois professores da Univates que atuam no Observatório de Direitos Humanos. A respeito do balanço da reunião, Simon se pronuncia: *Acho que foi muito bom, porque era para ver se eles iam apoiar, porque nosso objetivo é montar a associação de imigrantes estudantes. Convidei no primeiro momento para compartilhar com eles, para ver o que eles acham. Como vão apoiar isso. Acho que vamos ter outras reuniões para montar um comitê para conversar melhor, para defender o grupo. No sábado não tinha muita gente porque muitos trabalham no sábado, isso atrapalha. Eles participaram, eles vão apoiar a ideia. Vão trabalhar junto para continuar o movimento. A maioria dos que estavam lá têm certificado profissionalizante, alguns têm diploma, quase todos têm ensino médio. O próximo encontro é para elaborar estratégias de como vamos fazer, de como vamos começar, onde e com quem.*

Questionados, Abdias e Simon, principais gestores da reunião, acerca das razões pelas quais a presença feminina foi escassa – havia somente três mulheres entre os 45 haitianos. Abdias disse que as mulheres não saíam de casa, porque elas estão sozinhas em Lajeado, sem maridos. Umás são casadas, com o marido no Haiti, e outras são solteiras. Simon argumenta: *as mulheres, no sábado, principalmente, têm que lavar roupa, estão muito ocupadas. Sábado é difícil. Sábado é para fazer a limpeza. Elas sabiam do encontro.* Fica um enigma a ser decifrado, o papel das mulheres nesse processo migratório.

17. Amizade

Amigo é aquele com quem se pode contar, compartilhar e trocar suas ideias

Sobre as formas de amizade no Haiti e no Brasil, Simon considera que o relacionamento com os amigos no Haiti era melhor porque *lá nós estudávamos muito.* Conforme o relato, os laços de amizade que estabelecia no Haiti eram reforçados por vínculos

entre colegas de estudo, com os quais partilhava a valorização da formação educacional, e se refletia na exclusão da rede de amigos as pessoas que não partilhassem desse mesmo valor. Sobre o assunto Simon disse: *Quando a gente estuda, os amigos também. De quem não quer estudar a gente não fica perto. Fica isolado, isso é costume nosso.* Pela fala alude a representações sociais coletivas. Conta que, no Haiti, entre amigos criam clubes de inglês ou de francês, e nesses espaços eles disputam qual dos membros tem maior domínio dessas línguas. Simon considera essa competição *um movimento muito legal entre os amigos porque incentiva* o conhecimento e a formação.

Diferentemente dessa experiência de amizade no Haiti, reforçada pelo interesse na educação, no Brasil, no ambiente educativo, na faculdade onde faz curso de Relações Internacionais, seus amigos são brasileiros. *Tenho muitos amigos brasileiros, colegas do trabalho, colegas da Universidade.* Com os haitianos não partilha desses ambientes. Conhece muitos haitianos. Por causa do seu trabalho, todos os que chegam em Lajeado o procuram, *mas amigos são poucos.* Para Simon, um *amigo é aquele com quem se pode contar, compartilhar e trocar ideias.* Dentro dessa categoria de pessoas de confiança inclui sua esposa, a quem considera uma boa amiga, e Abdias.

Abdias e Simon frequentam a mesma igreja. Conforme Abdias, são os únicos que se interessam pela educação entre os imigrantes haitianos. O elo entre eles é a identidade com projetos de vida ligados à formação educacional. É o que se observa na fala de Abdias quando salienta o esforço de Simon para estudar. Afirma que ficou admirado quando conheceu o Simon porque *é o único haitiano que busca o caminho da educação.* Nessa ocasião, Abdias o parabenizou porque estudava e trabalhava ao mesmo tempo, estudava das 19h às 23h. Iniciava sua jornada de trabalho em uma indústria de alimentos às 3h40min, todos os dias da semana. Dormia apenas três horas. *Ele se esforçava muito, merece,* disse Abdias. Por isso, o encorajava para que continuasse estudando. *Eu falava, 'tem que "segurar" porque tu vai conseguir'.* De acordo com o discurso de ambos, a valorização da educação que eles partilham fez nascer uma boa amizade.

Além do interesse comum pela educação, eles se identificam na religiosidade. São líderes da igreja, e nesse papel de líderes incentivam os demais haitianos a estudar. Abdias disse que, enquanto líderes da igreja, eles têm *ideias iluministas, fazem um trabalho digno, mas pode ser melhor*. Dele participa a maioria dos haitianos que mora perto da igreja.

Acerca dessas trocas que definem a amizade, Abdias disse que Simon trouxe a esposa dele para o Brasil e depois ajudou Abdias a trazer a sua. *Como ele (Simon) trabalha na assistência social, houve uma tranqueira na embaixada brasileira no Haiti. Ele encaminhou o pedido pelo governo e depois de três dias eles deram o visto para minha esposa e minha filha*. Percebe-se, no relato de Abdias sobre a vinda da esposa e da filha, que elas obtiveram o visto na embaixada brasileira no Haiti. Já ele não, pois entrou ao Brasil pelo Acre – *eu só tinha um carimbo quando entrei*. Esse carimbo não é o visto, é um protocolo.

Abdias conta que, antes do terremoto no Haiti, quando o aluno chegava no 2º ou 3º ano de ensino médio, podia ingressar em um curso universitário. Foi o que aconteceu com ele. Formou-se em línguas numa escola no Haiti e chegou ao Brasil sem o diploma, pois *eu perdi no terremoto o diploma do ensino médio e o diploma de línguas*. No Haiti, aprendeu inglês e depois atuou como professor de línguas. É o que gostaria de fazer no Brasil e o tem tentado. Foi em diversas escolas de línguas em Lajeado à procura de vaga como professor de inglês e não recebeu nenhum retorno. Essa situação lhe causa frustração, pois ninguém olha para ele nem para os outros haitianos como possíveis profissionais. São inseridos nos setores operacionais das empresas, mesmo que tenham conhecimentos profissionais específicos em algumas áreas, como eletricitas, marceneiros, professores de física, matemática, química, enfermeiras e muitas outras profissões.

A amizade de Simon e Abdias se aprofunda continuamente, dizem. As esposas estão no Brasil, com isso as famílias se reúnem. Atualmente Abdias mora no Centro e Simon em Moinhos, bairros de Lajeado que são próximos. Eles moraram durante seis meses juntos, com suas respectivas famílias, em uma mesma casa que tinha vários quartos. Partilhavam a sala e a cozinha. Saíram porque

tinha infiltração de água pelo teto. *Chovia muito dentro da casa. Tinham crianças pequenas e a água caía em cima delas*, conta Abdias. Atualmente, Simon e Abdias não dividem a mesma casa; no entanto, partilham seus problemas familiares e se ajudam mutuamente.

Além da amizade do Simon em Lajeado com Abdias, ele mantém contato pela *internet*, no *Facebook*, com os amigos da época em que estava no Haiti. Nesses encontros virtuais lhe perguntam o que ele faz no Brasil. Quando Simon conta que faz faculdade, ficam felizes. Observa-se, na trajetória de vida do Simon, que a solidariedade não se expressa apenas nas relações entre os haitianos no Vale de Taquari, elas se estendem além das fronteiras. Tal como Schiller (2011) aponta em sua análise das geografias dispersas da migração haitiana, a experiência legal, racial, política, social e econômica de viver em diversos lugares e as interconexões entre esses lugares por meio do parentesco, sítios de internet, alimentação, música e religião criam uma mistura complexa de solidariedade e distância. Muitos deles saíram do Haiti, alguns estão nos Estados Unidos; outros, em diferentes estados do Brasil.

Os amigos haitianos de Simon, que vieram para o Brasil, estão em São Paulo, Mato Grosso do Sul, Manaus e Rio Grande do Sul. Às vezes, Simon se comunica por telefone com os amigos que moram no Brasil. Nas conversas contam que estão bem. *A única dificuldade que encontram é em relação ao ingresso à faculdade. Estão sempre se queixando a respeito disso, pois é difícil fazer o Enem.*

Simon orientou dois de seus amigos do Haiti a se instalarem no município de Lajeado, no Rio Grande do Sul. Fizeram contato e chegaram. Um deles, artista plástico, durante o tempo em que esteve em Lajeado pintou dez quadros e só vendeu um. Os demais quadros estão guardados na Casa da Cultura de Lajeado. Decepcionado com o retorno que teve como artista em Lajeado, viajou para o Mato Grosso e abandonou a arte.

O outro amigo é Rodson Alexandre. Migrou para Brasil há *10 meses*, deixando no Haiti a esposa e dois filhos. Chegou inicialmente a São Paulo, depois se mudou para Lajeado, porque achou muito grande e tumultuada a cidade de São Paulo. Preferiu Lajeado para morar, cidade de 70.000 habitantes, onde tinha contato com Simon, antigo colega da Organização Lifeline no Haiti, que o ajudou a

conseguir emprego. Trabalha em uma empresa de embalagens e está poupando dinheiro para trazer sua família. Simon e Rodson, além de amigos, são irmãos de igreja. Rodson gosta de morar em Lajeado. Para ele, um dos atrativos do lugar é a possibilidade da vivência religiosa na igreja, espaço onde toca piano.

18. Falta de solidariedade

Eles eram haitianos e deveriam me receber mais rápido que um brasileiro

Uma decepção que Simon teve em relação a seus conterrâneos em sua experiência migratória foi com a falta de auxílio de moradia. Não apenas com aquele haitiano que conheceu em Tabatinga e prometeu recebê-lo assim que chegasse a Manaus. Aconteceu também depois que saiu de Bom Retiro do Sul, onde morava de aluguel com financiamento da fábrica em que trabalhava em Estrela, Rio Grande do Sul, e foi morar em Lajeado.

Na primeira semana não sabia onde dormir e vim igual. Comenta que uns dos amigos que eram seus colegas de trabalho na indústria em que ele trabalhou em Estrela, por seis meses, se negaram a lhe dar moradia quando ele lhes solicitou. Naquele momento, *me senti mal porque eles eram haitianos e deveriam me receber mais rápido que um brasileiro, eram pessoas que me conheciam de antes.* Conta que esse episódio o deixou muito mal, porque ele não lhes tinha feito mal algum. Alguns dos haitianos que moravam nessa casa ainda estão em Lajeado. Simon se relaciona atualmente com eles e, quando precisam, os ajuda. Uns são da igreja onde Simon é vice-coordenador. Pelo que se percebe, Simon não guarda rancor das pessoas, e não gosta de falar de situações de ruptura em suas relações.

O argumento que utilizaram os conterrâneos para lhe negar abrigo era que havia muita gente na casa. Simon considera que o deveriam ter deixado ficar por um tempo. Não o fizeram porque eles tinham alugado a casa. *Eu fiquei na minha, acrescenta.* Naquele dia ele pensou em duas opções, *volto para Bom Retiro e paro de estudar, porque lá tinha onde morar, ou fico para insistir.* Decidiu continuar na luta por conseguir lugar.

Saiu da Escola Erico Veríssimo, onde tinha recém começado a estudar, em direção ao Hotel Mariano. Perguntou o preço para passar a noite, *60 reais*, e seguiu andando. *Era muito frio*, lembra. Dirigiu-se para a casa onde morava um haitiano que Simon tinha conhecido. O amigo dividia essa casa com 14 haitianos que trabalhavam em uma grande empresa de construção da região. Simon bateu na porta, eles acordaram e a abriram. *Passei uma noite lá. No dia seguinte disseram que não ia poder ficar mais porque a casa era da empresa de construção e não iria aceitá-lo*. Esses fatos ocorreram nas duas primeiras semanas de moradia em Lajeado, ainda não trabalhava na indústria de alimentos.

Simon saiu da casa da construtora onde seus conterrâneos lhe deram pousada por uma noite. Como em Bom Retiro participava da igreja, ligou para um *irmão* brasileiro dessa igreja e lhe disse: *estou em Lajeado estudando e não tenho onde dormir*. O correligionário lhe indicou a Assembleia de Deus que ficava na rua Silva Jardim, local aonde ele chegou e encontrou outro *irmão* da igreja. Explicou-lhe que estava em Lajeado porque queria estudar, e lhe pediu ajuda para resolver seu problema de moradia. Queria alugar um quarto. O pastor autorizou que Simon ficasse durante dois dias. Depois disso, outro *irmão* da igreja o levou para sua casa na rua Marechal Deodoro, onde permaneceu duas semanas. Comprou bicicleta para facilitar a locomoção até a escola. Depois lhe deram um quarto na Congregação Assembleia, no bairro Conservas. Ali morou seis meses num apartamento que tinha quarto, banheiro e cozinha, ficou três meses sozinho e três meses partilhou a habitação com outro haitiano. *Sáí de lá e vim para a Silva Jardim*. Nesse lugar morava com outros três amigos em uma casa grande, de três quartos, quando sua esposa chegou do Haiti.

19. Espaços de inserção na sociedade local

Em questões de esporte e lazer, a Prefeitura Municipal de Lajeado reservou a quadra de futebol de salão no Ginásio Nelson Francisco Brancher (conhecido como o Cláudião) para os haitianos nas quartas-feiras. *Mas é difícil eles irem porque nesse horário finalizam a jornada de trabalho e estão cansados*, afirma Simon.

Os haitianos têm um time de futebol de campo e um de salão. O time joga aos sábados de tarde no Parque dos Dick. Simon, às vezes, participa. *A gente está tentando ajudar com equipamento para virar uma coisa mais legal.* Conforme Simon, precisam investir para melhorar as condições de realização das atividades esportivas.

Quanto aos espaços de trabalho conquistados, os principais são as indústrias de alimentos, uma em Lajeado e outra em Poço das Antas, distante uns 40 quilômetros de Lajeado. Para a indústria de Poço das Antas Simon encaminhava os haitianos. Colaborava na inserção nos primeiros momentos da contratação. *Agora vão sozinhos,* disse ele. Uma vez contratados em Poço das Antas, deslocam-se todo dia de suas residências em Lajeado até o local de trabalho. Além das indústrias de alimentos, uma reconhecida empresa de construção civil já trouxe vários haitianos para trabalhar.

A maior indústria de alimentos do município de Lajeado contrata muitos dos que chegam. Essa indústria se constitui em um espaço de trabalho amplo, porque tem muitas vagas de emprego. Segundo Simon, *eles sempre têm necessidade de gente porque lá é frio, ninguém quer ficar, é entrando e saindo.* E acrescenta, *o salário hoje é de 1.000 reais, mais 100 de vale alimentação. Dos que moram em Estrela e Encantado descontam o transporte no salário.*

Ainda que não tão importante quanto a indústria de alimentos de Lajeado, os haitianos encontram também espaços de trabalho numa indústria distribuidora de alimentos, em empresas de construção, lavanderia e na construção de um prédio do hospital de Lajeado, entre outros.

De modo geral, pela experiência de Simon e dos demais haitianos nesses espaços de trabalho, os imigrantes entram em conflito com chefes e colegas de trabalho devido às diferentes concepções de trabalho, as quais se manifestam nas formas de relacionamento e nos valores em que elas se fundamentam. Os imigrantes criticam os maus tratos, *os chefes falam palavrão, trabalhamos mais tempo do que devíamos, dão-nos muita suspensão e não pagam esses dias.*

Outra crítica recorrente é que, nas empresas, os haitianos são contratados para desempenhar uma função e, uma vez estando no espaço do trabalho, colocam-nos para desempenhar outra, sem

aumento de salário. Da ótica dos haitianos, a remuneração deve ser de acordo com a função desempenhada, não de acordo com o tempo de trabalho. A maneira de se posicionarem contra esse manejo no trabalho é negando-se a desempenhar a segunda função que lhes atribuem.

No que se refere aos espaços de inserção das mulheres haitianas, a maioria trabalha na principal indústria de alimentos de Lajeado. Mas, como disse Simon, *agora estão com problemas, porque essa indústria parou de contratar mulheres haitianas. Não dizem o motivo. Acho que é porque muitas haitianas logo que chegam aqui ficam grávidas. Às vezes, porque têm muita discussão entre elas e os chefes. A empresa está errada porque é uma forma de discriminação. Contrata mulheres brasileiras, mas não haitianas. Isso é discriminação. Algumas estão chegando e estão sem emprego. Eles têm o direito de não contratar.*

O argumento de Simon sobre o impacto da gravidez das mulheres imigrantes é, *por um lado, que a gravidez ajuda porque facilita conseguir o RNE, mas obstaculiza o ingresso no mercado de trabalho. Umam vêm sozinhas, deixaram família, marido e filhos, e outras vêm com marido. Não é muito comum mulheres imigrantes, é mais comum os homens.*

Com o objetivo de esclarecer questionamentos da sociedade local acerca dos projetos que os mobilizaram para migrarem para o Brasil, desconstruir percepções que perambulam na sociedade local em torno do Haiti e dos haitianos e esclarecer o papel que eles desempenham na condição de imigrantes, no âmbito da sociedade de acolhida, Simon escreve um texto intitulado *A Chegada dos imigrantes ao Brasil nos últimos anos.*

III. A CHEGADA DOS IMIGRANTES AO BRASIL NOS ÚLTIMOS ANOS

Renel Simon

A vinda de imigrantes ao Brasil é constante. Da época da colonização até a independência, as pessoas que entraram no Brasil eram designadas colonizadores. Após 1822, ano em que o país conquistou a independência, qualquer pessoa que vem de outra terra é denominada imigrante. A entrada de estrangeiros ao Brasil não é um processo novo. Porém, nos últimos anos, o Brasil se tornou um local de refúgio para milhares de imigrantes que estão vindo de países como Haiti, Senegal, Bangladesh, Índia, Nigéria, Gana, Benin, Angola e outros, em função de problemas (sociais, políticos, entre outros) vivenciados neles.

Esse fato fez com que as instituições defensoras dos direitos humanos do Brasil começassem a elaborar políticas migratórias para atender às demandas das pessoas que chegam. Geralmente são pessoas sofridas e abatidas pelas dificuldades que passaram em seus respectivos países. Aqui, muitas vezes instalam-se em condições precárias.

A sociedade brasileira levanta uma série de questionamentos a respeito dessa migração, entre eles: **Quais são os fatores que impulsionam a vinda dos imigrantes para o Brasil? Quais são suas expectativas no país? Quais são os mecanismos que utilizam para entrar?**

São questionamentos de pessoas com posições racistas, já que a maior parte da população, que está imigrando para o Brasil nos últimos tempos, é originária de países com população negra e pobre. Para um amplo setor da população brasileira, a presença dos imigrantes representa uma ameaça. Consideram que eles vão ocupar seus locais de trabalho e tirar suas riquezas. Essa postura frente à imigração contemporânea desconhece o papel que os imigrantes desempenham na produção e no crescimento do país. Eles representam uma mão de obra que supre as necessidades de empresas brasileiras. Tanto assim que houve uma época em que

o processo migratório era favorecido pela demanda de mão de obra por parte de empresários, que se deslocaram até as cidades de fronteiras do Brasil onde os imigrantes se encontravam em 2011 e 2012, principalmente para negociar sua vinda. Esses empresários, especialmente os do sul do Brasil, estão ligados a empresas que têm mão de obra de imigrantes, pois trabalhadores brasileiros não querem exercer determinadas funções. Os empresários veem a disponibilidade de trabalho dos imigrantes como uma solução no que tange à mão de obra para esses setores. São indústrias de alimentos e embutidos que oferecem empregos para funções em setores de produção com temperaturas muito baixas.

Nesse caso, eu, como imigrante haitiano, quero expressar, por meio deste artigo, meus sentimentos de indignação perante os questionamentos dos brasileiros acerca da presença dos imigrantes no Brasil, construídos no âmbito de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, onde moro desde agosto de 2012.

1. Quais são os fatores que impulsionam a vinda dos imigrantes para o Brasil?

A maioria dos brasileiros pensa que a entrada dos imigrantes no país é só por causa da miséria, da fome que estão passando em suas terras. Mas, na verdade não é só por esses motivos. Os fatos referidos fazem parte dos objetivos de deslocamento dessas pessoas, porém, além daqueles problemas, existem outros, como a guerra civil, problemas políticos, racismo, desigualdade, educação, saúde, violência etc. Como eu não tenho competência para falar sobre todos os países, porque não visitei nenhum deles ainda, respondo às perguntas falando só do Haiti.

Os fatores que impulsionam a vinda dos imigrantes haitianos para o Brasil são: miséria, fome e falta de empregos (a taxa de desemprego lá é muito alta). Mas nem todos estamos vindo por esses motivos. Vários haitianos que vieram ao Brasil, tinham uma vida melhor. Os deslocamentos acontecem porque as pessoas procuram novas oportunidades. Ao chegar no Brasil muitos ficam surpresos porque infelizmente a vida é mais difícil aqui do que imaginávamos.

2. Quais são suas expectativas no país?

Esta questão é muito importante porque, quando alguém nos faz essa pergunta, nós respondemos com alegria, no sentido de expressar nossos sentimentos e nossas expectativas no Brasil. Muitas vezes, as pessoas que fazem essa pergunta são mal informadas. Pensam que nossos interesses são somente trabalhar para sobreviver. Eu até ouvi alguns brasileiros dizendo que os haitianos aceitariam trabalhar em qualquer lugar, mesmo em trabalhos escravos, em condições precárias, porque não têm mais opções. Acho muito estranho esse posicionamento. Nesse caso, eu, como haitiano, quero falar um pouco sobre as expectativas dos imigrantes haitianos no Brasil, principalmente daqueles que já encontrei.

A todos os haitianos que conheço, faço sempre a pergunta: “qual é seu sonho aqui?” Nas respostas deles percebo diversas categorias sociais entre haitianos e diversas as perspectivas de vida no Brasil. O trabalho, porém, é um objetivo comum, porque trabalhar é liberdade. Não podemos negar que em nosso país a taxa de desemprego seja muito alta, mas muitos querem trabalhar e estudar ao mesmo tempo para ter uma vida melhor. Alguns vêm só para trabalhar, principalmente os que têm uma escolaridade baixa, que nunca frequentaram a escola. Outros têm capacidade para ingressar no mercado profissional, mas não conseguem. Por isso estamos nos organizando para mostrar que podemos ajudar o Brasil a crescer, não apenas servindo de mão de obra braçal, senão também por meio de um trabalho profissional. A maioria dos haitianos que está vindo para cá tem formação escolar.

3. Quais são os mecanismos que utilizam para entrar?

Para mim, principalmente, muita gente faz essa pergunta. Como você entrou no Brasil? De barco? De ônibus? Quem pagou sua passagem? O governo? Na pessoa que faz esse tipo de perguntas percebem-se várias questões que embasam seu pensamento. Primeiro, ela parece não saber a posição geográfica do Haiti porque vir de barco poderia ser, mas de ônibus é muito estranho. Em segundo lugar, pensa que, por sermos originários de um país

pobre, não podemos pagar um bilhete de avião para vir, que só o governo poderia, pois andar de avião é caro. Mas, na verdade, nós temos dois mecanismos que utilizamos para entrar no Brasil. Para entender isso, é importante saber que entre o governo brasileiro e o governo haitiano existe uma relação diplomática. E a vinda dos imigrantes haitianos para cá é possível com um visto humanitário emitido pela embaixada do Brasil no Haiti. Também podemos vir clandestinamente, passando pelas fronteiras dos países vizinhos do Brasil, Peru, Argentina, Equador etc.

Outra coisa que é importante dizer sobre esses mecanismos de entrada é que a pessoa quando entra com visto tem mais tranquilidade e segurança. É só comprar a passagem para o lugar que quiser ir. E os que vêm pelas fronteiras não têm nenhuma segurança. Muitas vezes são explorados, abusados e maltratados. Dormem em condições precárias. Houve casos de mortos no caminho. Eu entrei por Tabatinga, uma pequena cidade do Brasil que faz fronteira com Letícia, pequena cidade da Colômbia. Eu tive que ficar dois meses lá esperando um protocolo para poder entrar em Manaus. Não dormi em condição precária porque tinha dinheiro para alugar um quarto, mas passei sete dias no barco até chegar ao Brasil. Vim da seguinte forma: sai do Haiti de avião até o canal de Panamá, fiz escala de duas horas, depois embarquei em outro avião para Lima, capital de Peru. De lá peguei outro voo para Iquitos, que é uma cidade de Peru, e sai de lá de barco. Viajei três dias até chegar a Tabatinga. Quando consegui o protocolo, passei mais quatro dias em Manaus.

Todos os haitianos que estão chegando queriam vir com visto, porque desde fevereiro de 2012, quando a presidenta Dilma Rousseff foi ao Haiti, ela assinou um acordo com o nosso governo, pelo qual a embaixada do Brasil no Haiti poderia fornecer 100 vistos humanitários por mês. Em 2013, eles fizeram outro acordo, pelo qual o consulado pode dar um determinado número de vistos por mês. Mas há dois problemas que dificultam entrar com o pedido desse documento: primeiro, a demanda é maior do que a quantidade que a embaixada pode fornecer. Em segundo lugar, em vez de dar o visto, os funcionários da embaixada haitiana os comercializam. A taxa do visto é 200 dólares, mais 20 dólares para legalizar a documentação da pessoa que faz o pedido. Para fornecer

um visto, a embaixada exige de 2.000 a 3.000 dólares. E ainda tem que comprar o bilhete aéreo. Como muitos não têm esse dinheiro, resolvem vir de forma clandestina, pois fica mais barato.

4. Para finalizar

Eu quero dizer que o governo brasileiro precisa prestar atenção a essa nova migração, principalmente à migração haitiana. Ela tem o propósito de crescer junto com o Brasil, não só na mão de obra mais braçal, mas também economicamente e profissionalmente. E os brasileiros que pensam que somos ignorantes, no sentido de nos discriminar, precisam procurar informações sobre nós, e dar-nos a oportunidade de mostrar nossas capacidades. Por isso, estamos lutando. A luta não é fazer violência; é o diálogo para expressar nossas necessidades e conseguir melhorar a nossa condição de vida aqui. Seguimos o exemplo de Martin Luther King, que lutou pacificamente para melhorar a vida dos americanos negros nos Estados Unidos. Ele disse: *eu tenho o sonho de que um dia meus quatro filhos vivam em uma nação onde não sejam julgados pela cor da sua pele, mas pelo caráter*. Eu percebo que muitos brasileiros julgam os haitianos pela cor da pele, pela nacionalidade, não segundo nossa capacidade, conhecimento e cultura. Acredito que um dia isso vai mudar, e estamos batalhando para que essa mudança aconteça.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo Roberto de. Haiti: um Estado falido, dependente eterno da ajuda internacional? -debate em Zero Hora. **Diplomatizzando**. 16 jun. 2014. Disponível em: <<http://diplomatizzando.blogspot.com.br/2014/06/haiti-um-estado-falido-dependente.html>>. Acesso em: 16 out. 2014.
- BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales** (62/63): 69-72, juin, 1986.
- COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Imigração haitiana para o Brasil – a relação entre o trabalho e processos migratórios**. Dissertação de mestrado em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Porto Velho, Rondonia, Brasil, 2014.
- ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- FELLET, João; KAWAGUTI, Luis. Envio de haitianos a SP escancara crise migratória; entenda. **BBC Brasil**. São Paulo, 25 abr. 2014. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140425_haitianos_entenda_jf.shtml>. Acesso em: 16 out. 2014.
- FERNANDES, Duval (Coord.); CASTRO, Maria da Consolação G. de. Projeto “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral”. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A7C816A45B266980145DCAB8EF42233>>. Acesso em: 23 ago. 2015.
- GAZETA DO POVO. **Haitianos comemoram o Dia da Bandeira com festas no Paraná**. 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/haitianos-comemoram-o-dia-da-bandeira-com-festas-no-parana-9fp4iacetif7wojkdw1ntywz>>. Acesso em: 16 out. 2014.
- GRANADA, Daniel; GAVIRIA MEJÍA, Margarita Rosa; CAZAROTTO, Rosmari. Negros diferentes: A imigração haitiana no Brasil no século XXI. In: **XII CONLAB – Congresso Luso Afro-Brasileiro**, 1 a 5 de fev. 2015. Lisboa.
- LOUDOR, Wooldy Edson. Uma história paradoxal. In: SANTIAGO, Adriana et al. **Haiti por si**: a reconquista da independência roubada. Fortaleza: ADITAL, 2013.
- MAMED, Leticia Helena; OLIVEIRA de Lima, Euronice. **Trabalho e migração internacional**: o caso dos haitianos na Amazonia ocidental. Grupo de Trabalho 09 - Estrutura Social, dinâmica demográfica e migrações. Congresso ALAS, Santiago do Chile, 2013.

NWOSU, Chiamaka; BATALOVA, Jeanne. Haitian Immigrants in the United States. **Migration Policy Institute**. Washington, 29 maio 2014. Disponível em: <<http://migrationpolicy.org/article/haitian-immigrants-united-states-0>>. Acesso em: 16 out. 2014.

SEGUY, Frank. A catástrofe de janeiro de 2010, a 'Internacional Comunitária' e a recolonização do Haiti. Tese de doutorado, Unicamp, Campinas, São Paulo, 2014.

SCHILLER, Nina Glick. Foreword: Locality, globality and Popularization of a Diasporic Consciousness Learning from the Haitian Case. In: JACKSON, Regine O. **Geographies of the Haitian Diaspora**. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2011.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME – UNODC. **Comigrar reúne 788 pessoas para discutir Política Nacional de Migrações e Refúgio**. São Paulo, 3 jun. 2014. Disponível em: <<https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2014/06/03-comigrar-reune-788-pessoas-para-discutir-politica-nacional-de-migracoes-e-refugio.html>>. Acesso em: 16 out. 2014.



APOIO:

**CENTRO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO**

 **UNIVATES**

ISBN 978-85-8167-126-0



9 788581 671260